

**A LENDA DAS CATARATAS**  
Roteiro de longa-metragem ficcional

**PETULA CELIA FERRAZ BONVINO**

Foz do Iguaçu - PR  
2025

**A LENDA DAS CATARATAS**  
Roteiro de longa-metragem ficcional

**PETULA CELIA FERRAZ BONVINO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual Orientadora: Prof. M.a Ester Marçal

Foz do Iguaçu - PR  
2025

'Há quem passe por um bosque e só veja  
lenha para fogueira.' Liev Tolstói.

### **Dedicatória**

Dedico este trabalho a minha eu-criança, que sempre foi curiosa e encantada pelas histórias que nascem da natureza. Foi ela quem primeiro teria amado ouvir a narrativa que hoje construo sobre A Lenda das Cataratas, e é também ela quem continua me guiando, lembrando-me da força da imaginação, da simplicidade do encantamento e da coragem de sonhar. Sem essa presença interna, este roteiro não existiria.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, com todo o amor que cabe em mim, à minha namorada, Adrielly Farinelli, que segurou minha mão quando a dúvida apertou, me abraçou quando a exaustão pesou, e colocou sua própria imaginação ao lado da minha sempre que eu me perdia no labirinto da criação. Suas palavras, suas ideias, seu carinho e sua fé em mim foram combustível constante. Há muito de você nesta história, não só nas inspirações, mas na força emocional que me permitiu escrevê-la. Obrigada por ser casa, coragem e poesia em forma de pessoa.

Agradeço também à minha orientadora, Ester Marçal, cuja atenção delicada, olhar criterioso e compromisso verdadeiro com o meu crescimento intelectual foram essenciais para este projeto. Sua escuta, seu estímulo e sua confiança no projeto ajudaram a moldar caminhos, abrir novas possibilidades e amadurecer a obra de forma decisiva.

Meu reconhecimento também se estende ao meu staff psicológico: Dr. Wanderlucio Rodrigues, Carolina Bof e Daniel Dutra. Cada um deles me ajudou a compreender minhas próprias narrativas internas, iluminando espaços que eu mesma não enxergava. Com eles aprendi que escrever também é um exercício de reencontro: comigo, com minha voz e com a coragem de assumir o que desejo construir.

Agradeço ainda aos meus companheiros de quatro patas: Francisco, Duff, Todinho, Blair, Ravena e Margô (in memoriam). Eles suavizaram dias difíceis, trouxeram alegria espontânea e me ensinaram sobre lealdade e amor.

Aos meus sobrinhos, Ana Catarina e João Otávio, que ouviram inúmeras versões, fizeram perguntas inesperadas, e, sem perceber, me mostraram o impacto que narrativas sensíveis podem ter sobre crianças que crescem aprendendo a enxergar o mundo com cuidado. Eles foram um termômetro afetivo e um lembrete de responsabilidade.

À natureza, ofereço minha gratidão mais profunda, por me ensinar, com sua delicadeza firme, sobre ritmo, ciclos e recomeços. Que eu possa honrá-la e preservá-la em cada gesto, em cada história e em cada sonho que ainda há de nascer.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta o projeto de roteiro intitulado: A Lenda das Cataratas, um longa-metragem infanto-juvenil ambientado no Parque Nacional do Iguaçu que narra a jornada de Yara, uma criança de ascendência indígena, que encontra um antigo amuleto mágico, e desperta forças míticas ligadas às Cataratas do Iguaçu. Conectada aos espíritos de Naipi e Tarobá e confrontada pela entidade Mboi, Yara será conduzida a uma aventura que articula passado e presente. A história tensiona a relação entre a preservação da natureza e as ameaças contemporâneas representadas pela exploração ambiental e pela ganância humana, personificadas na figura do antagonista Marco Antônio. O roteiro incorpora elementos da cosmologia indígena e problematiza a ruptura entre humanidade e natureza, destacando a importância da ancestralidade, da memória e do equilíbrio ecológico. A obra propõe uma narrativa que tem como objetivo principal, convidar o público a repensar sua relação com a natureza e com os povos originários.

**Palavras chaves:** roteiro cinematográfico, cinema infanto-juvenil, Cataratas do Iguaçu, lenda indígena, Naipi e Tarobá.

## RESUMEN

Este proyecto de fin de carrera presenta el guión cinematográfico titulado: La Leyenda de las Cataratas, un largometraje para niños y jóvenes ambientado en el Parque Nacional del Iguazú. Narra la travesía de Yara, una niña de ascendencia indígena, quien encuentra un antiguo amuleto mágico y despierta fuerzas míticas vinculadas a las Cataratas del Iguazú. Conectada con los espíritus de Naipi y Tarobá y confrontada por la entidad Mboi, Yara se embarcará en una aventura que articula pasado y presente. La historia explora la tensión entre la preservación de la naturaleza y las amenazas contemporáneas que representan la explotación ambiental y la codicia humana, personificadas en la figura del antagonista Marco Antônio. El guión incorpora elementos de la cosmología indígena y problematiza la ruptura entre la humanidad y la naturaleza, destacando la importancia de la ancestralidad, la memoria y el equilibrio ecológico. La obra propone una narrativa cuyo principal objetivo es invitar al público a repensar su relación con la naturaleza y con los pueblos originarios.

**Palabras clave:** guión, cine infantil y juvenil, Cataratas del Iguazú, leyenda indígena, Naipi y Tarobá.

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1 Parque Nacional do Iguaçu.....	11
1.2 M'boi.....	12
<b>2. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>14</b>
<b>3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>16</b>
<b>4. LOGLINE.....</b>	<b>19</b>
<b>5. ARGUMENTO CINEMATOGRAFICO.....</b>	<b>20</b>
<b>6. PERFIL DOS PERSONAGENS.....</b>	<b>34</b>
6.1 Yara.....	34
6.2 Catu.....	36
6.3 Nadi.....	37
6.4 Bernardo.....	38
6.5 Iracema.....	38
6.6 Naipi.....	39
6.7 Tarobá.....	39
6.8 M'boi.....	39
6.9 Naira.....	40
<b>7. TEMPO E ESPAÇO.....</b>	<b>40</b>
7.1 O Parque Nacional do Iguaçu.....	40
7.2 O Marco das Três Fronteiras.....	40
7.3 O Espaço das Américas.....	41
<b>8. RELATÓRIO CRÍTICO.....</b>	<b>42</b>
<b>9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>44</b>
<b>10. REFERÊNCIA FILMOGRÁFICA.....</b>	<b>46</b>
<b>ANEXO I - ROTEIRO.....</b>	<b>46</b>

## 1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso apresenta o roteiro de longa-metragem A Lenda das Cataratas, do gênero aventura/fantasia, voltado para o público infante juvenil, que conecta a cosmovisão dos povos originários à realidade contemporânea, propondo reflexões sobre ancestralidade, pertencimento e preservação ambiental, através de uma releitura da lenda, trazendo uma narrativa mítica que busca explicar a origem das quedas d'água.

A Lenda das Cataratas do Iguaçu está profundamente enraizada na cultura Iguaçuense e funciona como uma ponte viva entre passado e presente, ajudando a manter acesa a memória do território e o sentimento de pertencimento que atravessa gerações. Atualmente sua importância vai além do simbólico: a lenda também se entrelaça com a vida econômica e turística de Foz do Iguaçu. As Cataratas, reconhecidas mundialmente como patrimônio natural, recebem milhões de visitantes todos os anos, movimentando setores como hotelaria, transporte, serviços e produção cultural. Ao integrar o imaginário turístico, a lenda reforça a identidade única da região e contribui para que narrativas tradicionais sejam valorizadas como parte da experiência de quem visita.

A lenda é uma narrativa fantasiosa transmitida pela tradição oral através dos tempos. São repassadas oralmente de geração a geração e sofrem alterações à medida que vão sendo contadas. As mesmas misturam fatos reais com irreais, fornecem explicações plausíveis, e até certo ponto aceitáveis, para coisas que não têm explicações científicas comprovadas, como acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais. (BRASIL, 2011)

A versão da Lenda das Cataratas que mais se propaga entre os turistas atualmente é aquela divulgada nos canais oficiais do Grupo Cataratas.

Os índios caingangues, que habitavam as margens do rio Iguaçu, acreditavam que o mundo era governado por M'boi — um deus com forma de serpente e filho de Tupã. Igobi, o cacique da tribo, tinha uma filha, Naipi, tão bonita que as águas dos rios paravam quando a jovem índia nele se mirava. Devido à sua beleza, Naipi seria consagrada ao deus Mboi, passando a viver somente para seu culto. Havia, porém, entre os caingangues, um jovem guerreiro chamado Tarobá, que se apaixonou ao ver Naipi. No dia da festa de consagração da jovem índia, enquanto o pajé e os caciques bebiam cauim (bebida feita de milho fermentado) e os guerreiros dançavam, Tarobá fugiu com a linda Naipi numa canoa que seguiu rio abaixo, arrastada pela correnteza. Ao saber da fuga de Naipi e Tarobá, M'boi ficou furioso. Penetrou as entranhas da terra, retorcendo o seu corpo e produzindo uma enorme fenda que formou as cataratas. Envolvidos pelas águas dessa imensa cachoeira, a piroga (embarcação indígena a remo) e os fugitivos caíram de uma grande altura desaparecendo para sempre. Naipi foi transformada em uma das rochas centrais das cataratas, perpetuamente fustigada pelas águas revoltas. Tarobá foi convertido em uma palmeira situada à beira de um abismo,

inclinada sobre a garganta do rio. Debaixo dessa palmeira acha-se a entrada de uma gruta onde o monstro vingativo vigia eternamente as duas vítimas. (GRUPO CATARATAS, 2019)

A segunda versão identificada da lenda, embora mantenha elementos estruturais recorrentes, aparece reelaborada na obra infantil *Naipi e Tarobá: a lenda das Cataratas do Iguaçu*, de Hardy Guedes (1997). Nessa adaptação, destinada ao público infantojuvenil, a narrativa é suavizada e o rio Iguaçu é apresentado como extensão viva do deus-serpente.

A releitura apresentada neste projeto acompanha, na contemporaneidade, Yara, uma menina de 12 anos que acaba de perder a mãe e se muda de São Paulo para viver dentro do Parque Nacional do Iguaçu, sentindo-se deslocada e revoltada com a nova realidade. Lá, ela conhece Catu, seu vizinho da mesma idade, filho de biólogos e profundamente conectado à natureza. Enquanto os dois desenvolvem uma amizade, Yara encontra um amuleto indígena capaz de despertar Naipi e Tarobá. Esse despertar rompe a condenação imposta por M'boi, que também retorna ao mundo humano, porém fragilizado, sem poder assumir sua forma de serpente enquanto o amuleto existir.

A partir dessa premissa, Yara embarca em um processo profundo de reconexão com sua ancestralidade indígena, confrontando medos, vergonhas e silenciamentos. Mboi, por sua vez, representa a dualidade entre proteção e destruição, espelhando os conflitos internos de Yara.

No cruzamento entre o real e o mítico, a narrativa reinterpreta a Lenda das Cataratas como um caminho de cura, pertencimento e retomada de memória, tanto para Yara quanto para o próprio território.

### **1.1 Parque Nacional do Iguaçu**

O Parque Nacional do Iguaçu, localizado na região oeste do Paraná, constitui uma das mais importantes unidades de conservação do Brasil, e Yara representa um número restrito de pessoas que têm autorização para morar dentro do Parque: policiais, pesquisadores e alguns funcionários que são considerados essenciais para manter a preservação e segurança do local.

A reserva abrange aproximadamente 185 mil hectares de Mata Atlântica em estado avançado de preservação. Reconhecido como Patrimônio Natural da Humanidade pela UNESCO, o parque protege a conservação de ecossistemas e uma biodiversidade única. Além do valor ecológico, o parque desempenha funções sociais e econômicas relevantes. Recebendo milhões de visitantes anualmente, constitui um dos principais destinos turísticos do Brasil, movimentando setores como hotelaria, transporte e serviços, e contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento regional. As Cataratas do Iguaçu, seu atrativo mais emblemático, articulam paisagem, biodiversidade e patrimônio cultural

Para muito além disso, trata-se de um espaço onde mitologias brasileiras, argentinas e paraguaias se entrelaçam e se influenciam ao longo dos séculos. Assim, o imaginário local é resultado de uma corrente contínua de trocas culturais, no qual diferentes versões de espíritos protetores, figuras míticas e forças da natureza coexistem e se transformam. Esse entrelaçamento fortalece uma identidade única da tríplice fronteira, na qual elementos indígenas, coloniais e populares dialogam, criando um repertório narrativo híbrido e profundamente enraizado no território. “Para toda formação mítica não é possível fixar a fórmula inicial. Milagre será a lenta determinação de sua área e maior andança a identificação de suas peças constitutivas.” (Câmara Cascudo, 2015)

## **1.2 M'boi**

M'boi, figura central na Lenda das Cataratas e presente na cosmovisão indígena, ocupa um lugar simbólico de grande complexidade. No projeto de roteiro, o personagem é reimaginado a partir da tradição, sendo libertado de sua condenação por meio do amuleto responsável por reviver Naipi e Tarobá. No entanto, esse mesmo objeto retém parte de seus poderes, impedindo-o de assumir sua forma de serpente até que seja destruído. Essa limitação não apenas tensiona sua atuação na narrativa, mas também amplia sua força simbólica.

Mboitatá é o gênio que protege os campos e rios contra aqueles que os incendiam; como a palavra o diz, Mboitatá é: “cobra de fogo”; as tradições figuram-na como uma pequena serpente de fogo que de ordinário reside n'água

(Casculo, 2015)

Mboi também pode ser encontrado como, Mboi Tu'i, Mboi-tatá, Mbaitatá, com várias descrições diferentes, porém quase sempre mantendo o elemento da serpente, sendo Mboi uma palavra de origem Guarani, que significa cobra.

Em Carta de São Vicente, datada de 31 de maio de 1560, o venerável José de Anchieta citou, pela primeira vez, o baetatá, traduzindo-o por “cousa de fogo, o que é todo fogo”. Mbai, cousa, e tatá, fogo, davam justamente essa versão. Como aquele fogo vivo se deslocava, deixando um rastro luminoso, “um facho cintilante correndo para ali”, anotava o jesuíta, veio a imagem da marcha ondulada da serpente. E mesmo há no idioma tupi palavra de pronúncia ligeiramente diversa de mba, significando cobra. É mbói. De mbaitatá, coisa de fogo, chegou-se a Mbói-tatá, cobra de fogo. Essa foi a figura que se popularizou. Embora aludindo às duas origens, mbai e mboi, todos os folcloristas mostram a vastidão da área em que a cobra de fogo domina... (Casculo, 2015)

A dualidade de Mboi expressa, de maneira metafórica, a própria condição humana: todos carregam aspectos de luz e sombra, potências criadoras e forças destrutivas, que coexistem e se complementam. Ao assumir essa ambivalência com naturalidade, Mboi funciona como um espelho simbólico, revelando que a compreensão integral de si mesmo exige crítica e análise interna.

No roteiro, a aparição de outra figura mitológica, Jaci Jaterê, ocorre de maneira sutil, porém decisiva. Por sua vez, Olívio Jekupé, no livro *O Presente de Jaxy Jaterê*, escreve: “Para o povo guarani, Jaxy-Jatere é o protetor da floresta e dos animais que nela vivem. [...] Por isso, ao entrar na mata, os Guarani pedem autorização a Jaxy, chamando o seu nome.” (2015, p. 28).

Sua presença funciona como uma força para confrontar Mboi, que retornou ao mundo após séculos aprisionado. Ao emergir na contemporaneidade, Mboi se encontra desorientado diante de um território profundamente alterado.

É justamente nesse estado de desequilíbrio que Jaci Jaterê surge. Como guardião da mata, ele se apresenta para Mboi não como inimigo, mas como um contraponto ético. O rápido encontro entre as duas entidades estabelece um embate: de um lado, Mboi preso ao passado, consumido pelo desejo de vingança; de outro, Jaci Jaterê apontando para o verdadeiro propósito dos seres que pertencem à terra: proteger e zelar pelo equilíbrio da natureza.

## 2. JUSTIFICATIVA

A sociedade contemporânea frequentemente nos coloca em uma posição ilusória de superioridade, como se estivéssemos “sobre” a Terra, observando-a de cima ou manipulando-a de fora. A cosmovisão de muitos povos originários, porém, nos lembra de que não estamos sobre a Terra — nós somos a Terra. Somos tecidos do mesmo fluxo que formam rios, florestas, animais, pedras e ventos. Ao aproximar essa perspectiva do público infantojuvenil, o projeto busca reafirmar que a natureza não é um recurso, mas uma relação; não é um espaço a ser dominado, mas um organismo do qual fazemos parte. Assim, o projeto de roteiro propõe um olhar onde humanidade e natureza ocupam um mesmo patamar, merecendo igual respeito, cuidado e espaço.

O projeto tem como finalidade a criação do roteiro A Lenda das Cataratas, que nasce de duas grandes forças: a necessidade urgente de nos conectarmos à natureza e uma memória profundamente pessoal, que permitiu imaginar esta história. O roteiro se fundamenta na defesa da preservação ambiental e na compreensão de que seres humanos e natureza não ocupam posições separadas na escala da vida.

Quando falo de humanidade não estou falando só do Homo sapiens, me refiro a uma imensidão de seres que nós excluimos desde sempre: caçamos baleia, tiramos barbatana de tubarão, matamos leão e o penduramos na parede para mostrar que somos mais bravos que ele. Além da matança de todos os outros humanos que a gente achou que não tinham nada, que estavam aí só para nos suprir com roupa, comida, abrigo. Somos a praga do planeta, uma espécie de ameba gigante. Ao longo da história, os humanos, aliás, esse clube exclusivo da humanidade — que está na declaração universal dos direitos humanos e nos protocolos das instituições —, foram devastando tudo ao seu redor. (Ailton Krenak, 2019)

A inspiração para esta narrativa nasceu de uma lembrança da autora, durante um passeio ao Parque Nacional do Iguaçu nos anos 1990, quando, ao lado do seu pai, acabou caindo no rio Iguaçu. Em vez de medo, o que sentiu naquele instante foi algo quase indescritível: a água envolveu seu corpo como se estivesse a acolhendo, como se uma força viva e ancestral a abraçasse. Não era apenas o contato com um elemento natural, mas a sensação profunda de que havia ali uma entidade, uma energia que a reconhecia e a protegia. Esse

momento, tão breve e tão eterno, despertou na autora a percepção de que a natureza possui presença, voz e espiritualidade própria. É esse sentimento de encantamento, de pertencimento e de cuidado, que se transpassa na história: a ideia de que as Cataratas, a floresta e o rio são mais do que cenários. Além da intensa experiência de mergulhar nas águas do rio Iguaçu pela primeira vez, a autora cresceu ouvindo de seu pai a Lenda das Cataratas em frente às quedas. E seu sentimento infantil da época, foi de tristeza. Tristeza por ouvir uma história de amor com um final tão trágico. E se Naipi e Tarobá pudessem ter uma segunda chance de viver seu amor?

Portanto, A Lenda das Cataratas surge como um gesto poético que une preservação, memória e espiritualidade, convidando o público a ouvir a natureza e a reconhecer-se como parte inseparável dela. A narrativa é, ao mesmo tempo, um tributo às forças naturais que moldam nosso território e uma celebração daquelas sensações profundas que só conseguimos sentir quando deixamos a natureza nos tocar de verdade.

Com essa profunda vivência, a autora se sentiu motivada a transformar a lenda oral em uma obra cinematográfica, promovendo a história local e levando de forma artística a conexão que a mesma vivenciou com a natureza a partir das histórias e integração com o meio ambiente.

O Cinema não é apenas uma forma de expressão cultural, mas também um meio de representação. Através de um filme representa-se algo, seja uma realidade percebida e interpretada, ou seja um mundo imaginário livremente criado pelos autores de um filme. (BARROS, 2007 p.128)

### **3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A construção narrativa de A Lenda das Cataratas parte da compreensão de que os mitos indígenas não constituem relatos distantes ou meramente folclóricos, mas formas vivas de conhecimento que articulam espiritualidade e modos de existir profundamente enraizados no território. Essa perspectiva encontra respaldo em autores indígenas contemporâneos que defendem a urgência de reconectar a experiência humana à terra, rompendo com visões fragmentadas e coloniais do

mundo.

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso - enquanto seu lobo não vem -, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (...) Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes – a sub-humanidade. Porque tem uma humanidade, vamos dizer, bacana. E tem uma camada mais bruta, rústica, orgânica, uma sub-humanidade, uma gente que fica agarrada na terra (...) A ideia de nós, os humanos, nos deslocarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo. (KRENAK, 2019)

Essa reflexão muda a compreensão ocidental de ambiente como recurso e recoloca os seres humanos dentro da mesma importância vital que compõe rios, florestas, animais e entidades míticas.

A narrativa do projeto dialoga diretamente com esse pensamento ao apresentar personagens míticos, como Mboi, que habitam um mundo onde o natural e o espiritual coexistem sem hierarquias. Essa coexistência reflete o que Krenak descreve como a permanência dos “núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra”.

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos xapiri, que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficos, que transformarão a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar. (KOPENAWA e BRUCE, 2015)

Davi Kopenawa evidencia uma concepção cosmológica em que a floresta não é um recurso, mas um organismo vivo cuja vitalidade sustenta todas as formas de existência, humanas, não humanas e espirituais. Ao afirmar que “a floresta está viva” e que sua destruição leva ao colapso, Kopenawa denuncia a visão predatória que separa humanidade e natureza. Essa compreensão é

fundamental para o projeto A Lenda das Cataratas, que se estrutura justamente a partir da ideia de inter-relação entre seres, territórios e forças espirituais. A narrativa do roteiro, ao retratar o desequilíbrio causado por Mboi e a importância simbólica do amuleto, ecoa a perspectiva de Kopenawa: quando a terra adocece, tudo ao redor, inclusive os humanos, entra em desordem. Portanto a necessidade de tratar a natureza como sujeito e não como objeto, e de compreender que sua destruição implica, inevitavelmente, a nossa própria existência.

Você encontra lugares onde as montanhas formam casais. Tem pai, mãe, filho, tem uma família de montanhas que troca afeto, faz trocas. E as pessoas que vivem nesses vales fazem festas para essas montanhas, dão comida, dão presentes, ganham presentes das montanhas. Por que essas narrativas não nos entusiasmam? Por que elas vão sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante, superficial, que quer contar a mesma história pra gente? (...) E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. (KRENAK, 2019)

Ao mencionar “famílias de montanhas” que trocam afetos, realizam festas e estabelecem relações com as comunidades, Krenak revela um modo de perceber o mundo em que a natureza não é paisagem, mas parente um sujeito com quem se convive, dialoga e compartilha a existência. Esse pensamento confronta diretamente as narrativas hegemônicas que reduzem a natureza a recurso ou cenário turístico, apagando cosmologias ancestrais em nome de uma história única e globalizante. Ao visitar a Lenda das Cataratas e devolver a Mboi, Naipi e Tarobá sua densidade espiritual e territorial, o projeto tem por objetivo reafirmar que mitos não são ficções distantes, mas ferramentas de permanência. Eles nos lembram que o mundo só continua enquanto somos capazes de narrá-lo em sua pluralidade, preservando formas diversas de relação com a terra. Assim, mantendo viva uma memória que poderia ter sido apagada, e, ao fazê-lo, participar do movimento coletivo de adiar o fim.

A partir da perspectiva da psicologia histórico-cultural proposta por Vigotski (1896-1934), a imaginação infantil é compreendida como uma função psicológica superior essencial ao desenvolvimento humano, pois possibilita à criança reorganizar simbolicamente suas experiências a partir do contato com a realidade social e cultural. Em *Imaginação e Criação na Infância* (2018), o autor enfatiza que toda criação se origina da combinação de elementos vividos, sendo a cultura o principal mediador desse processo. Nesse contexto, o roteiro A Lenda das

Cataratas entra como uma potente mediação cultural ao mobilizar o imaginário mítico indígena brasileiro por meio da Lenda das Cataratas do Iguaçu, oferecendo ao público infantil uma narrativa que articula fantasia, natureza e ancestralidade.

As brincadeiras infantis, frequentemente, são apenas um eco do que a criança viu e ouviu dos adultos. No entanto, esses elementos da experiência anterior nunca se reproduzem, na brincadeira, exatamente como ocorreram na realidade. A brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas. (Imaginação e Criação na Infância, 2018, p.18)

Em *El recreo de la infancia*, Eduardo Bustelo (2007) desenvolve uma crítica às formas hegemônicas de representação da infância que, sob o discurso da proteção e do cuidado, tendem a produzir imagens infantilizadas, mostrando crianças sem capacidade de agir, decidir, ou interferir nos processos sociais e narrativos dos quais participa, especialmente no que se refere às infâncias historicamente marginalizadas. O autor problematiza também a recorrente imagem da criança como objeto de tutela, e não como sujeito pleno no tempo presente, evidenciando como tal perspectiva reforça práticas simbólicas de controle e silenciamento. Essa reflexão dialoga com o roteiro *A Lenda das Cataratas*, que busca romper com esta narrativa ao construir a personagem Nadi como uma criança indígena que decide e participa ativamente dos conflitos. Ao assumir um papel essencial na história, Nadi é apresentada não como símbolo, mas como sujeito de ação, saber e pertencimento cultural. Dessa forma, o roteiro reconhece a criança como agente de sua própria experiência.

A escolha de trazer Nadi, como uma personagem ativa, também se relaciona à crítica de Bustelo à redução da infância a uma condição de vulnerabilidade permanente, frequentemente mobilizada por discursos humanitários e institucionais. Embora a infância indígena esteja, de fato, atravessada por desigualdades históricas e sociais, o autor alerta para o risco de que tais narrativas reforcem imagens de fragilidade que silenciam as capacidades de ação, criação e resistência das próprias crianças. Ao deslocar esse olhar, o roteiro aposta em uma infância que, mesmo inserida em contextos de tensão e conflito, possui saberes próprios e capacidade de intervenção, recusando a lógica da piedade como eixo central da representação. Nesse sentido, *A Lenda das Cataratas* compreende o cinema infantil como um espaço de construção simbólica e política, no qual a criança espectadora é convidada a se reconhecer em personagens que agem sobre o mundo, e não apenas sofrem seus efeitos.

Além das referências teóricas, a construção deste trabalho também foi profundamente influenciada por uma série de filmografias que dialogam com temas centrais da pesquisa.

Tainá – Uma Aventura na Amazônia (2001) foi uma das obras que mais influenciaram minha compreensão sobre como o cinema voltado ao público infantil pode integrar aventura, preservação ambiental e valorização da cultura indígena. O filme acompanha Tainá, uma menina indígena que enfrenta traficantes de animais e invasores enquanto protege a floresta amazônica ao lado de seus amigos. A narrativa apresenta a natureza como um organismo sensível e interdependente, evidenciando a lógica da “floresta viva”: cada elemento natural responde, reage e se transforma diante das ações humanas. Essa abordagem me inspirou a desenvolver, em meu próprio roteiro, personagens que crescem a partir do contato com o território e que compreendem a natureza não como cenário, mas como sujeito ativo da narrativa.

Cidade Invisível (2021), por sua vez, expande a relação entre mito e contemporaneidade ao trazer entidades do folclore brasileiro para o cenário urbano da cidade do Rio de Janeiro. A série parte da premissa de que seres míticos, como o Curupira e a Cuca, vivem escondidos entre humanos, tentando sobreviver às consequências da degradação ambiental e da ganância humana. A potência da série está em reinterpretar esses mitos tradicionais, inserindo-os em conflitos modernos que revelam camadas de injustiça social, violência territorial e destruição ecológica. A figura do Curupira, por exemplo, é reposicionada como protetor da floresta, ferido pelas ações humanas, simbolizando a dor de um território violentado. Essa construção narrativa me ofereceu um modelo contemporâneo de como tratar mitologias vivas de forma respeitosa, atualizada e crítica, demonstrando que o mito não está preso ao passado: ele se reinventa, reage e continua existindo enquanto houver território.

Em outra abordagem, o documentário O Território (2022) trouxe uma camada de profundidade e urgência para minha reflexão ética. Diferentemente das obras ficcionais, o documentário retrata a luta real do povo Uru-eu-wau-wau, em Rondônia, contra invasores que tentam tomar suas terras. A força dessa obra está na forma como ela evidencia a relação visceral entre território e identidade indígena: a floresta

é território, mas também é casa, memória, espírito, autonomia e existência. O Território expõe a violência física e simbólica da invasão, mostrando o enfrentamento cotidiano dos indígenas e suas estratégias para registrar, denunciar e proteger seu espaço ancestral. Sua montagem alterna momentos de tensão, contemplação e resistência, destacando a floresta como testemunha da luta. Essa perspectiva documental foi fundamental para que eu não perdesse de vista o impacto político de trabalhar com mitologia e território. Mesmo sendo uma obra ficcional destinada ao público infanto-juvenil, *A Lenda das Cataratas* carrega, de forma sutil, ecos dessa realidade, buscando sensibilizar sem expor de maneira direta temas tão complexos.

Por fim, a série *Luz* (2024) trouxe uma contribuição específica à construção da fantasia infanto-juvenil em meu roteiro. A série acompanha uma protagonista criança que descobre um universo mágico enquanto enfrenta dilemas emocionais e familiares. A série aborda temas como pertencimento, coragem, amizade e amadurecimento, utilizando elementos fantásticos como metáforas para conflitos da infância. *Luz* reforça o potencial da ficção infanto-juvenil em traduzir questões profundas por meio de elementos mágicos.

Ao observar essas obras em conjunto, compreendi que todas elas, mesmo com linguagens e públicos distintos, compartilham uma mesma linha poética e filosófica: a natureza é presença viva, pulsante, capaz de proteger, ensinar e transformar.

#### **4. LOGLINE**

Uma jovem descobre um medalhão ancestral que desperta forças místicas nas Cataratas do Iguaçu e precisa aceitar suas raízes para impedir que a magia caia em mãos erradas.

#### **5. ARGUMENTO CINEMATOGRAFICO**

Sob a lua cheia, Naipi (15) pele parda, cabelos compridos pretos e lisos, olhos amendoados, com formato levemente alongados e Tarobá (15), olhos castanho escuro e alongados, pele parda, cabelos curtos, negros e lisos, correm pela Mata Atlântica em fuga, enquanto próximo dali, na comunidade Kaingang, o pajé Igobi (67) pele parda e longos cabelos negros, prepara uma cerimônia de

sacrifício, junto com os outros indígenas da aldeia, quando sua companheira Myg (54) cabelos negros e lisos, olhos escuros e pele parda, aparece nervosa, segurando uma pedra jade verde, lhe mostrando discretamente. O ancião assenta com a cabeça. Um súbito aparecimento de um sibilo profundo anuncia a aproximação de M'boi, um Deus serpente, temido pelos indígenas. Myg foge, deixando o pajé para trás.

Simultaneamente, à beira do rio Iguaçu, Naipi e Tarobá embarcam em uma canoa enquanto a presença de Mboi se aproxima cada vez mais, estremecendo a floresta. A serpente emerge com força, rasga a terra e faz o rio despencar em um abismo gigantesco, originando as Cataratas do Iguaçu. O casal é arrastado pela correnteza: Naipi é transformada em rocha no centro do rio e Tarobá em uma palmeira solitária à beira do precipício. A fúria de Tupã, Deus criador do universo, recai sobre Mboi, que é condenado a permanecer aprisionado na queda d'água que se torna a Garganta do Diabo.

Com o nascer do sol, a floresta se adapta ao novo rugido permanente das cataratas, que vistas de cima preservam a forma sinuosa de uma serpente adormecida.

Um carro entra na cidade de Foz do Iguaçu. Ao volante está Bernardo (40), cabelos castanho claro, quase calvo, pele clara, olhos negros escondidos por um enorme óculos, e uma barba por fazer. No banco do carona, Iracema (64), cabelos negros e lisos, amarrados por uma trança, pele parda e um rosto marcado pelo tempo. No banco de trás, Yara (12), olhos escuros e grandes como duas jabuticabas, cabelos lisos e pretos e uma pele parda.

Bernardo pára no sinal vermelho e observa o quanto o lugar mudou, enquanto Iracema percebe alguns contrastes sociais - como uma mulher indígena pedindo ajuda com os filhos. Yara, apática e distraída pela música nos fones de ouvido, cruza o olhar com a mulher por um instante antes que o carro siga.

Na entrada do Parque Nacional do Iguaçu, a família é recebida por Naian, funcionário da guarita, cuja saudação expõe o silêncio deixado pela ausência de uma pessoa importante da família. Após o cumprimento, eles seguem para a casa onde irão morar. O imóvel, de arquitetura rústica colonial integrada ao verde ao

redor, impressiona. Ao descer do carro, Yara ainda está imersa na música, até que Iracema remove suavemente seus fones para que ela possa sentir sua nova casa.

Yara explora a área externa da nova casa, envolvida pela vegetação, pelos cantos de pássaros e pela tranquilidade ao redor, enquanto Iracema observa com esperança, acreditando que a natureza poderá despertar algo adormecido na neta, quando a chegada de uma funcionária do Parque Nacional, traz um clima cordial: ela entrega uma cesta de boas-vindas e um manual de convivência, reforçando que viver ali é um privilégio que exige responsabilidade, e tentando se aproximar de Yara, Andréia menciona outra criança que mora no parque, mas a menina se mantém distante.

Mais tarde, Bernardo se arruma, e ao se olhar no espelho, é tomado por uma lembrança vívida de Naiara (37), pele parda, olhos negros e cabelos pretos e lisos, cuja aparição afetuosa o conforta e o fere ao mesmo tempo. Iracema observa o genro pela fresta da porta, carregando a melancolia silenciosa dessa recente ausência que atravessa a família.

Na cozinha ainda tomada pela mudança, Bernardo avisa que precisa ir ao escritório, apesar do cansaço. Ele tenta animar Yara falando das aventuras que poderão viver no parque, mas a menina reage com irritação, especialmente ao ouvir sobre um coquetel de apresentação. Ela explode, abandona o sanduíche e sai, declarando que não queria estar ali. O silêncio pesa sobre Bernardo e Iracema.

Pouco depois, Yara retorna discretamente, pega um pacote de salgadinho e escapa para a varanda sem que a avó perceba. Entre caixas e lembranças, encontra uma foto antiga com a mãe, que a emociona profundamente, até que um grupo de quatis invade o espaço e toma seu lanche, assustando-a. O grito chama a atenção de Catu (12), pele branca, cabelos castanhos bem ondulados, olhos cor de mel, embaixo de um óculos de grau azul claro, que coleta insetos ao redor. Ele vai até a garota e afasta os animais com calma e examina a mão ferida de Yara. Apesar de o machucado ser leve, ele afirma que precisa ir à enfermaria tomar vacina.

Catu guia Yara e Iracema pela trilha noturna até a enfermaria do parque, iluminando o caminho com sua lanterna enquanto comenta com entusiasmo sobre a

fauna e a vastidão do parque. A floresta respira ao redor deles, preenchida pelos sons noturnos. Yara, ainda observando o ferimento, escuta o garoto falar de animais e até de cobras gigantes, enquanto Iracema reage com afeto e curiosidade. A conversa se torna leve quando os três riem sobre os quatis. Iracema compartilha memórias antigas das cataratas, contando que já chegou a subir em uma rocha ao lado da Garganta do Diabo — algo que impressiona Catu.

Na enfermaria, Yara recebe duas vacinas, enquanto a enfermeira orienta sobre os cuidados com animais silvestres. Catu, envergonhado, admite que já passou por ali ao tentar abraçar um quati, aprendendo a respeitar a fauna.

No dia seguinte, durante o coquetel de apresentação na sede do parque, Bernardo é anunciado como o novo diretor e discursa com calma sobre sua trajetória e planos. Yara observa tudo entediada, até que a entrada de Marco Antônio (55), olhos verdes, cabelos loiros, pele clara, usando uniforme da polícia ambiental, de postura firme, chama sua atenção. Os olhares dela com Marco se cruzam por um instante que é interrompido por Catu, convidando Yara para sair dali e ir conhecer as quedas das cataratas em um lugar especial. Ela hesita, mas a curiosidade vence, e os dois escapam discretamente do evento. Caminham pela floresta iluminada pela luz filtrada das árvores, até chegarem à margem do rio, onde as Cataratas rugem próximas. Yara se impressiona com a força da água e com a sensação de estar tão perto de algo que os turistas só veem de longe. O momento, tranquilo e quase suspenso no tempo, desperta nela lembranças da mãe e uma sensação de conexão com o lugar. Catu a observa com atenção e a convida a seguir adiante.

Eles alcançam uma pequena usina abandonada, tomada por vegetação e envolta em uma atmosfera úmida e silenciosa. Yara se sente insegura, enquanto Catu explora o ambiente com naturalidade. A presença de uma enorme tarântula o encanta, e ele se dedica a fotografá-la, deixando a garota inquieta.

Afastando-se, Yara escuta sons de tambores e maracás vindos da mata. A trilha a leva até duas grandes rochas cobertas de limo, entre as quais pulsa uma luz verde. Hipnotizada, ela toca a fenda luminosa e retira dela um amuleto de pedra jade verde, talhado uma serpente. A luz envolve seu corpo, e a floresta parece silenciar

em reverência.

De repente, tudo muda ao redor: a usina desaparece, dando lugar a uma noite iluminada por lua cheia sobre o rio Iguaçu. Yara tenta chamar Catu, mas sua voz não ecoa. Vozes antigas surgem, e Naipi e Tarobá aparecem correndo, translúcidos como espíritos, passando através dela antes de subir em uma canoa e seguir pelo rio.

A visão de Yara se intensifica quando Mboi surge ao seu lado em forma humana, um homem alto, com pele parda, sem nenhum cabelo e olhos ofídicos. A criatura se transforma em uma serpente colossal que mergulha nas águas, fazendo o chão tremer e rasgando o céu com um clarão avermelhado. Yara grita e tudo se desfaz em luz e vento. Ela desperta caída no chão, com Catu ao seu lado, preocupado. Confusa e tonta, esconde o amuleto no bolso e atribui o episódio a uma tontura, embora Catu permaneça desconfiado.

Yara volta à sua casa, e Bernardo, tenso, exige saber onde ela esteve. A discussão entre eles cresce: ele se preocupa com os riscos do parque, enquanto ela o acusa de não perceber nem mesmo que foi mordida por um quati. A mágoa pela mudança abrupta explode, e Yara se retira chorando para o quarto. Iracema confronta Bernardo, dizendo que ele tem estado ausente demais para sequer conversar com a filha. Exausto, ele reconhece o peso da situação.

No quarto, Yara pesquisa sobre Mboi e as lendas das cataratas, tocando o amuleto com uma mistura de fascínio e inquietação. Um ruído lá fora a assusta, alguém ou alguma coisa a observa escondido. Mas quando ela abre a janela, não vê nada além de um grupo de quatis. Iracema entra no quarto e aconselha que ela descanse.

Na manhã seguinte, Catu relata para Iracema que Yara desmaiou na usina, deixando a avó surpresa por não ter sido informada. Yara entra cansada e tenta minimizar o ocorrido. Quando Catu a apressa para pegar a van escolar, sua mochila cai e o amuleto rola pelo chão. Iracema observa a pedra com estranhamento, e Yara a recolhe rapidamente, dizendo que não passa de uma pedra encontrada na trilha, enquanto Catu e a avó trocam olhares desconfiados.

No ponto de ônibus do parque, Catu tenta animar Yara antes do primeiro dia de aula dela, mas ela permanece inquieta, sempre com a mão sobre o bolso que guarda o amuleto. Catu não pára de falar, deixando Yara ansiosa e irritada. O clima muda abruptamente: o céu escurece, ventos violentos surgem e uma tempestade repentina cai sobre o parque. O amuleto aquece na mão de Yara enquanto um raio derruba árvores que bloqueiam a estrada, fazendo um ônibus turístico e a van escolar frearem bruscamente.

Por conta da tempestade, Catu e Yara correm para se abrigar na casa dele, pois Yara se nega a voltar para a própria casa. Molhados, são acolhidos pela mãe do garoto, que estranha o temporal repentino e decide avisar a escola sobre o bloqueio no parque. Ela pergunta se Yara já avisou o pai, e a menina mente dizendo que sim. Antes de sair para uma reunião, a mãe reforça que eles fiquem em casa até o tempo melhorar.

A sós, Catu a leva até sua pequena biblioteca, repleta de livros, amostras de rochas, objetos científicos e diversas fotos da equipe do Projeto Onças do Iguaçu. Catu entrega a ela dois livros: um sobre a história da cidade de Foz do Iguaçu, que não desperta nenhum interesse, e outro intitulado A Lenda das Cataratas, cuja capa mostra um casal indígena fugindo de uma serpente gigante. A imagem evoca em Yara um flashback de sua mãe, Naiara, lendo exatamente o mesmo livro para ela quando criança.

De volta ao presente, Yara examina a capa, enquanto Catu cita personagens da lenda: Naipi, Tarobá e a serpente Mboi. O nome da criatura a faz silenciar. Ela pede o livro emprestado, e Catu concorda, dizendo que ele pertenceu ao avô. Yara promete cuidar bem do exemplar.

Ao anoitecer, Yara toca guitarra em seu quarto enquanto Bernardo e Iracema conversam na sala sobre o dia conturbado. Bernardo lamenta não ter acompanhado a filha no primeiro dia de aula e decide que, a partir de agora, ele mesmo irá levá-la, na tentativa de se aproximar dela.

No quarto de Yara, um vento súbito invade o cômodo. O livro A Lenda das Cataratas se abre sozinho na página que mostra uma figura de Mboi, iluminada por uma luz vermelha. O amuleto começa a brilhar, flutua e foge pela janela em direção

à mata. Yara, assustada e atraída, segue o objeto misterioso.

Na trilha do parque, sob luar intenso, ela avança guiada pela luz vermelha. A floresta parece reagir à sua presença, enquanto algo a observa à distância. Catu, que estava recolhendo insetos, a vê caminhando para dentro da mata e corre atrás dela.

À beira do rio, o amuleto paira sobre a água, irradiando uma luz forte acompanhada de um canto ancestral. Hipnotizada, Yara tenta tocá-lo, mas Catu a alcança e a puxa, fazendo com que o objeto role até cair no rio. Um clarão vermelho explode sob a água antes de desaparecer nas profundezas, deixando os dois paralisados de medo e espanto.

Um raio de luz vermelha irrompe do rio e atravessa o céu, mergulhando a floresta em escuridão. No quartel da polícia ambiental, Marco Antônio vê o clarão e fica alerta. No rio, Yara e Catu testemunham duas silhuetas emergindo das correntezas do rio, Naipi e Tarobá, usando vestes feitas de folhas e cipós. O casal troca gestos de afeto, alheio às crianças.

Naipi tenta se comunicar com Yara, se apresentando e apresentando seu amado, enquanto Catu reconhece que eles são personagens da lenda. Yara resiste a acreditar, mas qualquer discussão se desfaz quando vozes e lanternas surgem na mata. A polícia ambiental, liderada por Marco Antônio, vasculha o local após perceber o clarão. As crianças se escondem com Naipi e Tarobá e conseguem escapar pela trilha.

Esgueirando-se pela mata, Yara quer contar tudo aos adultos, mas Catu insiste que ninguém acreditaria, e que Marco Antônio é mal. Ele lembra que o amuleto estava flutuando antes de cair no rio, e Yara confirma. O grupo aguarda a decisão dela, e Yara concorda em ajudar Naipi e Tarobá por aquela noite. Catu comemora dando um pulinho, e o casal imita o gesto com inocência.

Catu conduz os dois pela janela do quarto de Yara, enquanto a casa dorme sob a luz da lua. Yara dá umas cobertas para o casal, e eles se deitam no chão, abraçados.

Simultaneamente nas margens do rio Iguaçu, o silêncio da noite é interrompido quando a água começa a borbulhar. Do fundo escuro, Mboi emerge lentamente, personificado, coberto de lodo, seu corpo escamoso estremecendo com a respiração pesada. Serpentes e outros répteis se aproximam, formando um círculo vivo ao seu redor. Erguendo o rosto para a mata, seus olhos brilhantes refletem a lua. Ele abre os braços e deixa que as cobras subam por seu corpo, formando uma espiral. Um trovão reverbera na floresta.

Yara sonha que caminha por uma floresta acolhedora e ensolarada, com pedras e árvores que cantam, até que as vozes suaves da mata se transformam em murmúrios sombrios. A luz desaparece e uma cobra colossal a engole. Ela desperta assustada ao amanhecer e encontra Naipi e Tarobá sentados no chão do quarto, observando-a. Ainda tentando entender o que é real, Yara pede que fiquem quietos e sai irritada.

Ela entra no quarto do pai e, ao abrir o guarda-roupa, encontra algumas roupas da mãe misturadas às dele. Tocá-las a emociona, mas ela recolhe algumas peças e retorna ao seu quarto. Lá, encontra Tarobá dedilhando sua guitarra e Naipi espirrando perfume no próprio olho. Impaciente, Yara toma os objetos e tenta ensiná-los a se vestirem com roupas discretas. A inexperiência dos dois a exaspera, mas ela consegue ajudá-los. Quando Naipi veste o antigo vestido de sua mãe, Yara é tomada por uma lembrança afetiva de Naiara.

Ela conduz o casal pelo corredor, tentando evitar que Iracema os descubra. Porém, Tarobá se assusta com seu reflexo em um espelho e derruba um vaso. Yara tenta controlar a situação, juntando os cacos e leva até a cozinha, onde Iracema nota sua pressa incomum, mas Yara pega comida às pressas, guarda na mochila, avisa a avó que irá fazer umas trilhas com Catu e sai, deixando a avó desconfiada ao vê-la tão apressada naquele sábado.

Yara encontra Naipi e Tarobá recolhendo folhas e raízes no jardim. Irritada por terem saído sozinhos, ela muda de postura ao perceber a fome dos dois e lhes entrega frutas, lembrando-se de que estavam há séculos sem comer. Em seguida, os leva pela trilha, quando um helicóptero passa, Naipi e Tarobá se assustam, acreditando ser algo divino; Yara tenta explicar a tecnologia.

Ao avistarem Catu, o garoto rapidamente os leva para dentro de casa. Inquieto, ele revela o que descobriu: nada. Apenas pistas de que a lenda é real e potencialmente perigosa por conta de Mboi. Ao ouvir o nome de Mboi, Tarobá entra em pânico e foge pela janela, com Naipi logo atrás.

Yara e Catu correm até alcançarem uma clareira onde encontram o casal sendo acalmado por Nadi (11), cabelos negros presos em uma trança, olhos escuros e alongados, pele parda, usando diversos adornos indígenas.

Catu reconhece a garota como moradora de uma comunidade indígena da região, lembrando que ela tem fama de invadir o parque às vezes. Nadi confronta Catu com firmeza, dizendo que não é invasora, apenas busca no parque a vastidão da floresta, que não tem em sua comunidade, onde são obrigados a viver. Ela revela estar observando Yara escondido desde que ela encontrou o amuleto e que sabe do despertar de Naipi e Tarobá, além de alertar que Mboi agora está solto, incapaz de assumir forma de serpente enquanto não destruir o amuleto, mas solto. Catu, assustado, pergunta o que devem fazer; Nadi afirma que apenas o pajé de sua comunidade pode ajudar. Yara resiste, desconfiada por ter sido observada pela garota, mas acaba aceitando. A menina provoca Yara, mostrando a língua, antes de partir na frente, guiando o grupo com intimidade com o território.

Ao chegarem à entrada do parque, avistam Naian na guarita. Nadi pede que esperem e se aproxima sozinha; ao ser repreendida por ele, mantém-se firme e alerta o guarda indígena com urgência, que precisa levá-los até o pajé, antes que algo aconteça. Naian observa a tensão no grupo e, percebendo que a situação é séria, decide ajudar.

Ele abre discretamente o portão do parque e, com cuidado para não levantar suspeitas de outro guarda, destrava a velha Kombi de serviço. Enquanto distrai o colega, Yara, Catu, Nadi, Naipi e Tarobá se escondem dentro do veículo entre caixas e equipamentos. A Kombi parte pela estrada de terra, desaparecendo entre as árvores.

Enquanto isso, em outra área do parque, um cortejo de répteis cruza a trilha, deixando turistas assustados e curiosos. No centro da procissão surge Mboi,

imponente usando uma túnica negra, sereno, como se o mundo se abrisse para ele. Visitantes filmam, assustados, enquanto guardas trocam mensagens alarmadas. No quartel, Marco Antônio assume o comando após ouvir as descrições pelo rádio.

Ao chegar à trilha, ele atravessa a multidão e age como se tudo fosse uma encenação teatral, acalmando o público. Aproxima-se de Mboi, trocando com ele um diálogo denso.

A Kombi segue por estradas rurais cercadas de fazendas e monoculturas. Dentro do veículo, o clima se suaviza quando Naian coloca um CD com uma canção em guarani cantada por crianças. Catu e Nadi acompanham o ritmo; Yara, tímida, acaba entrando na brincadeira. A música desperta em Naipi e Tarobá lembranças ancestrais e segurança. Para Yara, a melodia abre uma memória luminosa da infância, dançando em roda com a família, até que tudo se desfaz e ela retorna ao presente, agora ouvindo o grupo cantar.

Paralelamente, Mboi entra em um escritório, enquanto Marco Antônio acende um charuto, e revisa documentos antigos que revelam a obsessão de sua família pelo amuleto lendário. Ele oferece uísque a Mboi, que aceita mas permanece imóvel, atento. Marco então liga uma grande tela com imagens das câmeras do parque, exibindo seu domínio sobre a tecnologia. Ele promete usar a tecnologia para ajudar M'boi a encontrar o amuleto e o casal Naipi e Tarobá, quando recebe uma ligação avisando que o casal foi visto fugindo em uma Kombi, com auxílio de um funcionário. Marco encerra a conversa satisfeito — a caçada finalmente começa.

A Kombi chega à comunidade indígena, onde casas simples cercam uma ampla casa central. Yara observa crianças brincando e uma escola cheia de murais coloridos. Nadi tenta explicar a situação aos moradores, enquanto Catu corre atrás de galinhas. Naipi e Tarobá despertam a atenção silenciosa dos habitantes, como se reconhecessem algo ancestral.

Rudá (92), olhos escuros bem alongados e pele parda, surge e reconhece imediatamente o casal. A comunidade se reúne em volta deles, tocando-os com reverência. Yara observa de longe, deslocada, até que Naipi a chama para perto. Rudá analisa Yara profundamente, e ela conta sobre a pedra em forma de cobra e

suas visões. Nadi ridiculariza Yara por ter perdido a pedra e Rudá intervêm delicadamente, dizendo que o retorno dos espíritos só foi possível por conta de Yara. Nadi repensa sua fala e acolhe Yara como parte do Tekoha.

A comunidade se prepara para o ritual do Arapyauí ao entardecer, envolvendo todos em um clima de celebração. Enquanto isso, Bernardo vai até a casa de Catu e descobre que a filha desapareceu junto com o garoto. Desesperado, aciona o rádio para comunicar o sumiço de Yara e Catu, iniciando uma mobilização urgente.

O entardecer toma a aldeia enquanto a comunidade indígena celebra ao redor da fogueira. Naipi e Tarobá, vestidos com trajes tradicionais, dançam entre o povo que os reconhece com reverência. Rudá conduz o ritual, lançando ervas que criam fumaça colorida. Ele conta a história ancestral do casal, de M'boi e da mãe de Naipi, que moldou o amuleto para proteger o casal e garantir que um dia a maldição fosse quebrada.

O clima se torna solene quando o pajé explica que o amuleto é atraído pela energia de Yara, e que deve ter seguido para “a união das águas”. O grupo compreende que o destino está no Marco das Três Fronteiras. Antes de qualquer busca, porém, Rudá declara que é momento de celebrar o retorno dos espíritos.

A festa segue com música e pinturas corporais. Ao observar Naipi e Tarobá se pintarem e se vestirem tradicionais, Yara recorda a mãe pintando seu próprio rosto na infância, ensinando-lhe pertencimento e ancestralidade. A lembrança é bela, mas Yara é tomada por um mal-estar repentino e se afasta da celebração.

Sozinha, escuta um sibilo e das sombras surge Mboi. Hipnotizada, Yara revive memórias dolorosas: bullying na escola, racismo, vergonha forçada de sua origem, brigas dos pais. O medo e a vulnerabilidade a paralisam.

Nesse instante, o vento se transforma e, entre as árvores, surge Jaci Jaterê, um ser pequeno, cabelos loiros e cacheados, segurando um cajado enorme. Ele discute com Mboi, afirmando que a entidade ainda pensa em vingança, mesmo após tantos aprisionado, e que deveria gastar energia em coisas mais importantes como guardar os rios e criaturas que vivem nele, que estão sendo ameaçados pelos homens, e revela que os humanos não se lembram e nem respeitam mais os

espíritos da floresta.

Jaci desaparece, e Mboi reflete por alguns segundos, desaparecendo logo em seguida. Yara volta do transe e cai de joelhos, ofegante. Olha ao redor, cercada pela mata densa, está sozinha. Ela corre de volta em direção à comunidade. Antes mesmo de chegar, ela ouve gritos.

Quando se aproxima, a comunidade já está tomada pelo caos. O barulho de motores ecoava entre as casas de madeira. Caminhões militares e viaturas escuras invadem o espaço, espalhando poeira e medo. Homens armados rompem a harmonia da aldeia com botas pesadas e olhares frios. Marco Antônio surge à frente do grupo, imponente, irradiando autoridade e controle.

No meio do tumulto, Yara se aproxima de Catu e Nadi. O olhar entre eles bastou para entender que não havia mais tempo. Eles puxaram Naipi e Tarobá e desapareceram entre as árvores, deixando para trás uma aldeia engolida pelo som da brutalidade que avança sem piedade.

O grupo corre em meio a um pasto, cheio de capim. Atrás deles, vozes gritavam ordens, passos apressados se aproximavam. O estampido de um tiro ecoa pela mata, abrupto e cortante. Tarobá cambaleia ao ser atingido no ombro e cai entre o capim.

Naipi, em desespero, invoca forças ancestrais e uma luz intensa cega os soldados, permitindo que o grupo fuja para uma floresta.

Eles se abrigam em uma gruta úmida, onde Tarobá agoniza. Naipi recolhe água que escorre pelas pedras e entoa um canto ancestral. As gotículas brilham e penetram no ferimento de Tarobá, curando-o. Ele desperta, fraco mas vivo, e Naipi o acolhe em um abraço carregado de amor e alívio. Yara observa emocionada, sentindo o peso da força espiritual que une o casal.

Enquanto isso, a comunidade indígena mergulha em caos: casas queimam, pessoas correm em pânico e fumaça toma o ar. Entre as chamas, surge Mboi, colossal. Rudá permanece firme diante dele, sem recuar, como guardião do respeito ancestral, e afirma que seu povo nunca o esqueceu e sempre respeitou sua

grandiosidade.

De volta à floresta, o grupo chega exausto a uma clareira onde Nadi entrega a Catu uma chave enferrujada, indicando o local onde a Kombi estaria escondida. Ela indica uma estrada de terra até o Marco das Três Fronteiras e afirma que o amuleto os vai chamar pela Yara. Catu hesita, mas Nadi o encoraja, e afirma que não seguirá com eles. Precisa retornar à aldeia para proteger seu povo.

A despedida é intensa e silenciosa. Naipi e Tarobá oferecem gratidão e respeito à Nadi. A menina encara Yara com orgulho e ternura, dizendo que ela foi escolhida e que sua verdadeira força irá despertar. Depois, desaparece na escuridão da floresta.

Na aldeia, as chamas consomem as últimas casas quando Mboi emerge, furioso, se colocando entre Marco Antônio e Rudá, impedindo o militar de atacá-lo. A entidade deixa claro: não deseja destruição, apenas quer o amuleto.

Nos arredores do Marco das Três Fronteiras, a Kombi funde o motor, deixando Yara, Catu, Naipi e Tarobá exaustos, mas determinados a seguir adiante. O Marco está tomado por luzes, música, turistas e atores encenando a lenda das cataratas, cria um contraste entre a festividade e o estado desgastado do grupo.

A presença deles desperta atenção: turistas observam, riem, tiram fotos, e Naipi e Tarobá são confundidos com artistas locais, sendo cercados por visitantes. Catu tenta protegê-los da multidão.

Enquanto isso, Yara é atraída por uma melodia suave que se destaca em meio ao barulho da festa. Hipnotizada, atravessa arcos iluminados e se distancia do grupo. A música a conduz até uma área isolada na beira do rio, onde percebe um brilho intenso entre a vegetação. Mesmo diante da faixa de acesso proibido, ela passa pelo bloqueio. Um segurança percebe sua ação e tenta alcançá-la, mas Yara corre e desaparece entre as plantas, seguindo o som.

Na delegacia, Bernardo permanece ao lado dos pais de Catu quando um chamado no rádio descreve uma garota invadindo uma área proibida; ele reconhece imediatamente que se trata de Yara e parte em sua direção.

Enquanto isso, no Marco das Três Fronteiras, Marco Antônio chega acompanhado por militares, aumentando a tensão no local. Dentro da loja de souvenirs, Mboi observa a quantidade de produtos que exploram sua imagem e reduzem sua história a mercadoria, sentindo o impacto dessa banalização enquanto turistas compram objetos da lenda.

À beira do rio, Yara encontra o amuleto, mas antes que consiga retornar ao grupo, Marco Antônio aparece e a captura, tomando o objeto das mãos dela e impedindo sua fuga.

Em outro ponto, Bernardo dirige em direção ao Marco enquanto atualiza Iracema sobre o ocorrido. Na mata, Marco Antônio arrasta Yara por uma trilha escura até chegar a uma grande construção abandonada escondida entre árvores. Ao fundo, as luzes coloridas do Marco das Três Fronteiras ainda são visíveis.

No interior abandonado do Espaço das Américas, a vegetação toma conta de tudo, transformando a construção em um ambiente quase vivo, úmido e ancestral. Ali, Naipi, Tarobá e Catu estão amarrados e amordaçados. Yara tenta alcançá-los, mas é impedida pelos capangas. Marco Antônio caminha com arrogância pelo espaço, exibindo o amuleto como troféu e acreditando ter total controle da situação. Do lado de fora, escondido entre as árvores, Mboi observa atentamente.

Enquanto isso, na floresta, Iracema realiza um ritual diante de uma fogueira, entoando uma antiga oração e pintando o próprio corpo, despertando forças espirituais.

De volta à construção, Yara perde as esperanças ao ver seus amigos rendidos e Marco Antônio dominando o amuleto enquanto as águas do rio se agitam ferozmente. Mas, no auge do desespero, a voz suave de sua avó ecoa em sua mente, dissolvendo o ambiente ao redor e guiando Yara para dentro de uma visão.

Yara é transportada para uma visão espiritual: ela caminha por uma floresta, onde encontra sua mãe, pintando o próprio corpo com símbolos ancestrais. As duas se abraçam, e Yara pede para receber a pintura. Naiara a acolhe com amor e desenha os traços no rosto da filha. Mãe e filha cantam juntas uma canção ancestral que se expande até se unir à voz de Iracema, alcançando uma dimensão

espiritual que parece mover a própria natureza.

A visão se desfaz, e Yara retorna ao presente, no chão úmido do Espaço das Américas. Inspirada e fortalecida, ela pinta o próprio rosto com barro e retoma o cântico com firmeza. Marco Antônio zomba dela enquanto ergue o amuleto, mas é interrompido por Mboi, que surge das sombras e o coloca em transe. O amuleto cai ao chão.

Trovões rasgam o céu. Serpentes começam a surgir e deslizam para dentro do espaço, atendendo ao chamado de Mboi. Os soldados entram em pânico e fogem para a floresta. Tarobá consegue se soltar e libertar Catu e Naipi. O casal indígena começa a acompanhar o cântico de Yara — Catu se junta a eles, e juntos formam um canto ancestral que ecoa pelo ambiente.

M'boi permanece diante de Marco Antônio, que continua hipnotizado, enquanto o olhar da serpente se enche de ódio, prestes a decidir o destino do homem.

Fragmentos do passado de Marco Antônio revelam a formação de sua crueldade: quando criança, ele testemunhou o pai e o avô falando sobre a história do amuleto, e do poder que ele guardava, Marco também presencia, agora adolescente, um planejamento de invasão de territórios indígenas; já adulto, envolveu-se em propinas e caça ilegal, celebrando a morte de uma onça-pintada.

De volta ao presente, ele vaga transtornado pela mata, completamente em transe enquanto sirenes e luzes policiais iluminam o ambiente úmido. Yara encontra o amuleto caído: ele pulsa em suas mãos. Naipi, Tarobá e Catu se recuperam lentamente quando Mboi surge diante do casal indígena. A criatura decide finalmente libertá-los da maldição.

Naipi e Tarobá compartilham um beijo, e dele brota uma poeira dourada que se eleva e se dissolve no céu, encerrando seu ciclo. Bernardo chega, exausto, bem a tempo de ver Yara segurando o amuleto e entregando à criatura, que agradece silenciosamente, antes de destruí-lo. Seu corpo se contorce e retorna à forma colossal de serpente, deslizando para as águas do rio.

Os policiais chegam e prendem os capangas de Marco Antônio. Yara hesita, mas aceita o abraço do pai, marcando um possível recomeço. Catu reencontra seus pais entre lágrimas e alívio.

Dias depois, a comunidade indígena celebra em torno de uma fogueira: Yara, Bernardo, Iracema, Catu, Rudá, Nadi e outros moradores compartilham comida, histórias e alegria.

Ao longe, nas margens de Itaipu, M'boi surge ao lado de Jaci Jaterê, observando a imensidão da barragem sob a luz da noite.

FIM.

## **6. PERFIL DOS PERSONAGENS**

### **6.1 Yara**

12 anos, é uma menina que carrega em si um universo de contradições, silêncios e pequenas rebeldias. Introspectiva por natureza, ela observa o mundo antes de participar dele, como se precisasse decifrar tudo à sua volta para então decidir se vale a pena se envolver. Carrega raízes indígenas herdadas da mãe, raízes que ela tenta esconder, não por desconhecimento, mas por vergonha e por não saber ainda como conciliar sua identidade com o ambiente social em que cresceu. A morte da mãe, ocorrida há apenas oito meses em decorrência de um câncer, acentuou esse conflito interno: Yara sente que ao mesmo tempo em que perdeu a pessoa que mais a conectava às suas origens, perdeu também o referencial que lhe dava segurança para existir no mundo.

A mudança de São Paulo para Foz do Iguaçu intensifica essa ruptura emocional. Em São Paulo, Yara se via protegida pela imensidão urbana: uma cidade grande, vibrante e barulhenta. Vivia em um prédio de classe média, no centro da cidade, com seu pai, sua mãe e sua avó Iracema; um lugar onde ela podia se dissolver entre milhões de desconhecidos. A chegada ao interior representa, para ela, uma ruptura dolorosa. Não apenas por deixar seus amigos e o cenário urbano, mas também por se ver obrigada a morar dentro do Parque Nacional do Iguaçu, um

ambiente que, inicialmente, lhe parece isolado e desconectado do estilo de vida que ela valorizava.

O pai, recém-nomeado diretor do parque, torna-se involuntariamente o responsável por essa mudança brusca, fazendo com que Yara direcione parte de sua revolta para ele. Já a presença da avó materna, embora mais afetuosa, funciona como um lembrete constante das origens indígenas que Yara ainda rejeita, por medo do estigma, por imaturidade, e também por dor; aceitar suas raízes significa, de certa forma, revisitar a memória da mãe.

Em sua aparência e hábitos, Yara expressa seu desconforto e sua tentativa de afirmação identitária. Seu estilo grunge, com roupas largas, tons escuros, jeans rasgados, jaquetas usadas, não é apenas estética: é uma armadura. Suas referências musicais são Nirvana, Pearl Jam e bandas clássicas do rock alternativo, que ela ouve no volume máximo, como quem precisa criar um mundo próprio para escapar do real. Yara toca guitarra com intensidade, quase como um desabafo emocional, e costuma fazer lives tocando covers e riffs autorais. Nessas transmissões, encontra um raro espaço onde se sente vista, mas sem a exposição direta que a intimida no convívio cotidiano.

A mudança para Foz do Iguaçu, portanto, não é apenas geográfica, é o detonador de um processo interno que Yara não pediu para viver, mas que será fundamental para sua transformação. Seu arco dramático acompanha a jornada de uma menina que tenta esconder suas origens, mas que, ao entrar em contato com forças míticas e com a própria terra de seus ancestrais, será obrigada a visitar o luto, enfrentar seus medos e reconstruir sua identidade de um modo mais profundo e verdadeiro. É nessa travessia que Yara deixa de ser apenas uma criança deslocada para tornar-se alguém capaz de reivindicar sua própria história e finalmente pertencer a si mesma.

## **6.2 Catu**

12 anos, é o tipo de menino que parece já ter nascido em sintonia com o mundo natural. Filho de dois biólogos que trabalham no Projeto Onças do Iguaçu,

ele cresceu dentro da reserva como quem cresce dentro de um grande quintal: cada trilha é um corredor familiar, cada som da mata é um sinal, cada pegada no solo é um convite para imaginar histórias e vidas que coexistem com a sua.

Extremamente inteligente, Catu combina uma curiosidade quase científica com uma sensibilidade afetiva incomum. Ele não apenas observa a natureza, ele a escuta, a respeita e a trata como parte da sua própria rotina emocional. Tem fascínio por animais, especialmente insetos, e desenvolveu o hábito de coletar espécimes mortos para ajudar seus pais na análise da biodiversidade e no monitoramento ambiental.

Seu estilo boho reflete bem sua personalidade: leve, desprezioso, em paz com a própria estranheza. Usa pulseiras feitas à mão, adora roupas confortáveis e coloridas. Catu faz seus próprios brinquedos: carrinhos de madeira, marionetes simples, objetos com sementes e cipós, e não tem qualquer vergonha de parecer infantil. Para ele, brincar é um modo legítimo de existir, um jeito de experimentar o mundo com liberdade, sem a necessidade de “crescer rápido” ou se adequar a expectativas alheias.

Se dedica a ler livros e curiosidades sobre plantas medicinais, biologia de insetos, mitologias regionais e lendas indígenas; temas que alimentam sua imaginação e sua compreensão do território em que vive. Ele sabe identificar árvores pelo cheiro das folhas e diferencia o canto dos pássaros com facilidade.

Sua relação com Yara nasce da vizinhança, mas se aprofunda pela complementaridade. Enquanto Yara vem de uma realidade urbana, tecnológica e marcada pela dor, Catu se ancora na terra, nos ritmos da floresta e em uma alegria tranquila que não precisa se justificar. Onde ela encontra estranhamento, ele vê familiaridade. Catu se torna, assim, um eixo de acolhimento através de uma amizade honesta que abre espaço para que Yara descubra outras maneiras de estar no mundo e, sobretudo, outras maneiras de estar consigo mesma.

### **6.3 Nadi**

10 anos, é uma menina indígena que carrega uma força ancestral. Vive em

uma comunidade que, apesar de sua riqueza cultural, encontra-se geograficamente confinada entre pastagens de gado e extensas monoculturas. O contraste entre esse ambiente empobrecido ambientalmente e a exuberância da floresta protegida ao lado é o que molda a consciência crítica da personagem desde muito cedo.

Corajosa, leal e profundamente protetora, Nadi conhece desde muito cedo as tensões que cercam os povos indígenas da região: a impossibilidade de viver dentro do território de floresta, agora área de parque nacional, e a obrigação de habitar espaços reduzidos, marcados pela degradação ambiental. Por isso, ela frequentemente desafia as regras e “invade” o parque. Mas para Nadi, essa invasão não é transgressão por diversão: é um retorno. Ela entra na mata para nadar no rio, colher frutas no pé, sentir o solo úmido, caminhar entre árvores antigas e se aproximar dos animais. Na floresta, ela encontra a vida que lhe foi retirada, e que seu povo ainda luta para preservar.

Nadi valoriza intensamente sua cultura e suas memórias. Ao mesmo tempo, convive com uma infância marcada pela escassez, pelo preconceito e pela constante negociação de direitos. Essa vivência faz dela uma voz crítica dentro da narrativa, e expõe a distância entre a experiência de Yara, criada com privilégios, e a realidade dos povos indígenas no Brasil contemporâneo.

A presença de Nadi é fundamental para o arco de transformação de Yara. Se o amuleto desperta a protagonista para sua ancestralidade, é Nadi quem lhe ensina o que significa viver essa ancestralidade na prática, no corpo, no cotidiano e na luta. Ela desafia Yara, provoca reflexões e, ao mesmo tempo, oferece acolhimento e amizade verdadeira.

Assim, Nadi se torna uma personagem-chave para o filme — não só por sua coragem ou lealdade, mas porque carrega em sua trajetória as contradições, dores e resistências dos povos originários. Sua presença amplia o significado da lenda e da jornada de Yara, trazendo para a narrativa um compromisso político e espiritual com a terra e com a memória que ela representa.

## 6.4 Bernardo

40 anos, é um homem marcado pela distância entre quem ele foi e quem acabou se tornando. Formado em História e com especialização em Gestão Socioambiental, ele trabalha no ICMBio desde 2016, sempre em funções administrativas em um escritório em São Paulo. A rotina burocrática o afastou, pouco a pouco, da sensibilidade e do idealismo que marcaram sua juventude. Foi ainda adolescente, em um evento de mobilização pela preservação da natureza, que Bernardo conheceu Naiara, politicamente ativa e profundamente conectada ao território. O encontro dos dois foi transformador: apaixonaram-se, mudaram-se para São Paulo e construíram uma vida juntos. Na busca por estabilidade financeira, acabou deixando de lado antigos sonhos, e distanciou-se cada vez mais de sua própria essência.

A morte de Naiara, porém, rompe esse ciclo de distância emocional. Profundamente abalado e sentindo-se desconectado tanto de si quanto da filha, Yara, Bernardo decide aceitar o cargo de diretor-geral do Parque Nacional do Iguaçu, localizado em Foz do Iguaçu, cidade onde ele conheceu Naiara anos antes. A mudança representa, para ele, uma tentativa de recomeço: ao retornar ao território marcado pela memória da esposa, espera reencontrar sua sensibilidade, reconstruir sua vida e finalmente se aproximar de Yara, como sabe que Naiara sempre desejou.

## 6.5 Iracema

69 anos - Avó materna de Yara. Nasceu em uma comunidade indígena, mas saiu muito jovem para tentar a vida na cidade. Ama natureza, entende tudo de plantas medicinais, vive de maneira simples e humilde, como era na comunidade de onde veio. Carrega a coragem em seus olhos e tem uma fala firme, sendo imponente e com uma personalidade muito forte. Era uma das curandeiras de sua aldeia. Lê livros de Ailton Krenak e fala muito do sagrado feminino.

## 6.6 Naipi

Aparenta ter 17 anos, mas viveu séculos atrás. Filha de um pajé, foi obrigada a ser oferecida em sacrifício ao deus-serpente Mboi, embora amasse o jovem Tarobá.

Corajosa e habilidosa com artes manuais, domina o uso de plantas e ervas medicinais e carrega uma forte conexão com o sagrado feminino e com as águas. Após tentar fugir com Tarobá, foi capturada e transformada em uma palmeira.

### **6.7 Tarobá**

Aparenta ter 17 anos, mas viveu a séculos atrás. Grande amor de Naipi. Jovem guerreiro determinado, justo e profundamente ligado à comunidade e à natureza. Movido pelo amor e pela coragem, tenta fugir com Naipi para livrá-la do sacrifício, mas é capturado por Mboi e transformado em uma rocha. Representa a força, a rebeldia e o espírito de proteção do povo indígena.

### **6.8 M'boi**

Idade imensurável. É o espírito protetor das águas e dos répteis, capaz de assumir a forma de uma serpente. Entretanto, sua natureza divina tornou-se marcada pela arrogância: poderoso e imprevisível, M'boi passou a ultrapassar os limites de sua função sagrada, usando seus dons não apenas para guardar o território, mas para impor medo e reafirmar sua autoridade sobre as águas.

Quando percebe que Naipi possui uma ligação espiritual e genuína com o rio, Mboi interpreta essa sensibilidade como ameaça. Dominado pela vaidade, exige que o pajé entregue a jovem em sacrifício, acreditando que isso reafirmaria seu domínio absoluto sobre as águas.

A fuga de Naipi e Tarobá acende sua fúria, que cria um imenso abismo de água para capturá-los. Porém, sua violência rompe o equilíbrio do mundo, e Tupã intervém: como punição, condena Mboi a permanecer aprisionado eternamente junto às próprias vítimas. Cercado por correntes turbulentas e atormentado pelo rugido incessante das quedas, a Garganta do Diabo, Mboi se torna símbolo da consequência do abuso de poder, um deus aprisionado por sua própria soberba.

### **6.9 Naiara**

38 anos - Mãe de Yara. Foi uma mulher formada pela travessia entre mundos. Filha de uma mulher indígena que deixou sua comunidade em busca de melhores

condições de vida, cresceu marcada pela ausência do pai e pela força da mãe, que criou a filha sozinha e priorizou o estudo como caminho de autonomia. Essa origem moldou em Naiara um profundo senso de pertencimento ao território e de compromisso social.

De pele parda, rosto amigável e feições carinhosas, Naiara transmitia acolhimento no olhar. Seus olhos cor de mel, levemente puxados, e os cabelos lisos e negros revelavam a herança indígena materna que atravessava sua identidade. Politicamente ativa desde jovem, envolveu-se em movimentos de defesa da natureza e dos povos originários, compreendendo o meio ambiente como espaço vivo de memória e responsabilidade. Mesmo vivendo em São Paulo, Naiara manteve viva a conexão com a natureza e com saberes ancestrais, expressa em gestos cotidianos como o preparo de chás com ervas naturais. Poucos meses antes do início da narrativa, faleceu em decorrência de um câncer, deixando um vazio profundo na vida de Bernardo e de Yara. Sua ausência, no entanto, atua como presença simbólica: é o legado de Naiara: afetivo, político e espiritual, que impulsiona o retorno da família ao território das Cataratas e sustenta, de forma silenciosa, o eixo emocional da história.

## **7. TEMPO E ESPAÇO**

A Lenda das Cataratas articula sua narrativa entre o presente contemporâneo e um passado mítico; e embora situada na atualidade, a história é atravessada constantemente por uma época ancestral, que entra na experiência cotidiana das personagens e redefine sua relação com o mundo. Essa mistura temporal traz o passado, não como algo distante, mas como uma força ativa que se manifesta nos sonhos e nos encontros com entidades míticas. Assim, o tempo do filme é o agora, mas um agora expandido, carregado de memórias e responsabilidades herdadas.

### **7.1 O Parque Nacional do Iguaçu**

Constitui o eixo central da espacialidade do filme, sendo representado como lugar de beleza majestosa e força espiritual. É a casa das Cataratas, um dos maiores patrimônios naturais do planeta, e também território ancestral. A escolha

desse espaço é política e simbólica, pois ele representa tanto a grandiosidade da natureza quanto as contradições do Brasil contemporâneo, onde o turismo convive com o apagamento indígena e a pressão econômica sobre os recursos naturais. Nesse espaço, passado mítico e presente coexistem de forma transparente, manifestando-se na névoa, no som estrondoso das quedas d'água e nas percepções ampliadas da protagonista.

## **7.2 O Marco das Três Fronteiras**

Assume um papel crucial no desenvolvimento dramático, funcionando como um território de distorção histórica e despertar mítico. É nesse local, transformado em atração turística, que Mboi entra em contato direto com a comercialização de sua própria imagem estampada em camisetas, bonés e souvenirs que o reduzem a uma caricatura infantilizada. O deus-serpente, antes temido e reverenciado, torna-se ali um produto banalizado, esvaziado de sua potência simbólica e espiritual. Essa experiência desperta em M'boi uma crítica profunda ao modo como sua história foi apropriada e convertida em mercadoria.

A própria estética do Marco, inspirada em referências às missões jesuíticas, intensifica essa tensão. As missões, historicamente vinculadas à catequização forçada, ao silenciamento e ao apagamento de povos indígenas no território sul-americano, são relidas no espaço turístico como decoração “harmoniosa”, desconectada de seu contexto violento.

Ao inserir Mboi nesse cenário, onde sua própria imagem é desfigurada e transformada em produto, o local provoca no deus-serpente um profundo despertar crítico. Diante da banalização de sua história e de seu significado ancestral, Mboi passa a observar o ambiente com um olhar mais analítico, percebendo as contradições entre memória, consumo e apagamento cultural. O sentimento de vingança que antes o movia dá lugar a uma reflexão mais madura sobre seu papel na natureza. Ele não abandona sua fúria, mas a redireciona a partir de uma leitura mais consciente do mundo que reencontrou.

## **7.3 O Espaço das Américas**

É o cenário do confronto final da narrativa. Criado para ser símbolo

continental, o Espaço das Américas, ao cair em desuso, tornou-se uma estrutura isolada, tomada pelo desgaste e pela erosão do tempo.

É nesse espaço que as fronteiras são tensionadas, tanto no sentido geopolítico quanto simbólico.

#### **7.4 A comunidade indígena**

Representa o espaço de maior confronto ético e pessoal para Yara. Diferentemente das áreas turísticas, este é um território de resistência e realidade cotidiana. Aqui, a protagonista se depara com a dimensão concreta das desigualdades que atravessam os povos indígenas brasileiros e reconhece sua própria posição de privilégio. Mais do que cenário, a comunidade é uma passagem de aprendizado e de reconfiguração identitária, onde Yara confronta a distância entre o imaginário romantizado da ancestralidade e as lutas contemporâneas por território, dignidade e continuidade cultural.

Nesse cenário, as águas das Cataratas tornam-se personagem viva, elo entre mundos, testemunha de amores antigos, tragédias esquecidas e possibilidades de cura.

### **8. RELATÓRIO CRÍTICO**

O desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso, A Lenda das Cataratas, me proporcionou diversos desafios, acarretando diretamente no meu processo de amadurecimento artístico e pessoal, marcado por movimentos de avanço, recuo e recomeços. Desde o início, a escolha do tema exigiu de mim uma postura ética e sensível, mantendo uma constante reflexão sobre meu papel como roteirista e futura cineasta.

As primeiras etapas do processo foram particularmente desafiadoras, logo no início me deparei com a dificuldade em encontrar um ritmo de trabalho que dialogasse plenamente com a orientação então vigente, o que acabou refletindo em certa insegurança e dispersão no desenvolvimento. Com o tempo, e após uma reestruturação na orientação, passei a trabalhar com uma nova professora, cuja abordagem se alinhou de maneira mais natural às minhas necessidades criativas e

metodológicas. Essa mudança trouxe estabilidade e clareza ao projeto, permitindo que ele se organizasse com mais coerência e alcançasse um novo patamar de desenvolvimento.

Com essa virada, mergulhei em meses de pesquisa intensa, ampliando meu repertório teórico e audiovisual. Meu interesse principal neste projeto era compreender de que modo histórias tradicionais poderiam dialogar com o cinema contemporâneo infanto-juvenil, de forma orgânica e sem distorções culturais. Para isso, revisei autores como Krenak, Kopenawa e Munduruku, que me ofereceram fundamentos críticos para compreender a cosmovisão indígena, com responsabilidade e profundidade.

Além da pesquisa teórica, as obras audiovisuais que consumi ao longo do processo se tornaram referências fundamentais na construção estética e narrativa de *A Lenda das Cataratas*. Cada uma delas, à sua maneira, contribuiu para que eu pudesse compreender como diferentes linguagens tratam a relação entre natureza, mito, espiritualidade e território, especialmente no campo infantojuvenil ou na fantasia contemporânea. Dentre essas obras, destacam-se *Tainá – Uma Aventura na Amazônia* (2001), *Cidade Invisível* (2021), *O Território* (2022) e a série *Luz* (2024), que oferecem abordagens variadas, mas profundamente complementares, sobre meio ambiente, ancestralidade e o diálogo entre o humano e o fantástico. Seja na ficção, na fantasia ou no documentário, a natureza aparece como agente narrativo. Essa percepção se tornou um dos pilares centrais do meu roteiro.

A partir desse diálogo com as referências, tornei-me mais consciente da necessidade de manter sempre a floresta como entidade ativa. Essa conclusão permeia todo o universo de *A Lenda das Cataratas* e confirma o compromisso que assumi: escrever uma história que honra o território, e dialoga com as crianças de maneira sensível e responsável.

Além da pesquisa teórica e audiovisual, busquei experiências que pudessem ampliar minha compreensão do tema. A visita ao Paseo de los Mitos, em Yaguarón, no Paraguai, foi particularmente significativa. Ali, entre esculturas, narrativas e representações de figuras como Mboi e Jaci Jaterê, aproximei-me mais da cosmovisão indígena e da dimensão cultural que permeia a região da tríplice

fronteira. Essa vivência reforçou o compromisso de valorizar falar sobre os mitos com respeito, valorizando a profundidade das cosmologias originárias.

Outra etapa essencial durante o desenvolvimento do projeto foram as três visitas realizadas, ao longo de 2025, à comunidade Tekoha Aty Mirim, no município de Itaipulândia (Paraná), que me permitiram observar práticas, modos de convivência, expressões artísticas e processos pedagógicos protagonizados pelas famílias Avá-Guarani. O contato direto com o cotidiano e com a forma como a comunidade se organiza coletivamente ampliou minha compreensão sobre a dinâmica social e espiritual desses povos, oferecendo uma perspectiva que nenhum livro ou obra audiovisual seria capaz de traduzir integralmente. Essa vivência reforçou a importância da escuta e do reconhecimento da complexidade de cada tekoha.

Com isso, o roteiro passou a ser mais do que uma aventura fantástica e tornou-se um exercício de escuta e respeito aos povos originários, às suas cosmologias e à relação profunda que estabelecem com a Terra.

No que diz respeito às escolhas narrativas, optei por uma estrutura clássica de três atos, entrelaçada a elementos da Jornada do Herói. Essa escolha busca garantir uma comunicação eficiente com o público infanto-juvenil, oferecendo uma base estrutural familiar sem abrir mão de camadas temáticas complexas. A construção das personagens partiu tanto de motivações individuais quanto de conexões com o território e com o imaginário. O conflito central nasce do embate entre o humano e a floresta, permitindo críticas de forma sutil e apropriada ao público infanto-juvenil.

A reescrita tornou-se parte essencial do processo: A Lenda das Cataratas passou por diversas transformações, e cada reescrita ampliou minha compreensão do filme que eu quero construir, e sigo construindo.

Paralelamente, fui descobrindo minha própria identidade criativa. Percebi que minha sensibilidade, minha vivência na tríplice fronteira e meu contato afetivo com o território não eram apenas referências externas, mas o tecido invisível que sustenta a narrativa.

Ao final desse percurso, compreendi que A Lenda das Cataratas não é apenas meu TCC. Ela inaugura uma pesquisa autoral que pretendo aprofundar ao longo da minha trajetória artística, envolvendo infância, território, ancestralidade, natureza e imaginação. Meu amadurecimento durante o processo ultrapassou o domínio técnico do roteiro: transformou minha visão ética, minha sensibilidade e minha compreensão do cinema como agente ativo.

## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**BARROS**, José d'Assunção «Cinema e história – as funções do cinema como agente, fonte e representação da história», *Ler História* [Online], 52 | 2007, posto online no dia 20 março 2017, consultado no dia 26 fevereiro 2025. Disponível em: <http://journals.openedition.org/lerhistoria/2547>; DOI: <https://doi.org/10.4000/lerhistoria.2547>

**BRASIL**. Contando história, mudei minha história. Série Plano de Aula - Língua Portuguesa, MEC, 2011. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000016788>

**CASCUDO**, Luís da Câmara. Geografia dos mitos brasileiros. São Paulo: Global, 2012. 6. **JEKUPÉ**, Olívio. O Presente de Jaxy Jaterê. São Paulo: Rakun, 2015.

**GRUPO** **CATARATAS**, 2019. Disponível em: [https://grupocataratas.com/lenda\\_das\\_cataratas/](https://grupocataratas.com/lenda_das_cataratas/)

**JEKUPÉ**, Olívio. O Presente de Jaxy Jaterê. São Paulo: Rakun, 2015.

**KOPENAWA**, Davi e **BRUCE**, Albert. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami, São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

**KRENAK**, Ailton. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

**KRENAK**, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Schwarcz S.A, 2019. Disponível em: <https://cpdel.ifcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/10/Ailton-Krenak-Ideias-para-adiar-o-fim-do-mundo.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2025.

**MARTINS**, Helaine. Em busca do passado. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/o-que-e-ser-indigena-no-brasil/>. Acesso em: 27 fev. 2025.

**PIRES**, Maria da Conceição e **PEREIRA DA SILVA**, Sergio Luiz, 2014. O CINEMA, A EDUCAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE UM IMAGINÁRIO SOCIAL CONTEMPORÂNEO Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/s66hjCWqgBRckwwj5MGzztp/?format=pdf&lang=pt>

**VIGOTSKI**, L. S. Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico. Tradução de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

**BUSTELO**, Eduardo S. El recreo de la infancia: argumentos para otro comienzo. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2007.

## 10. REFERÊNCIA FILMOGRÁFICA

**AS CRIANÇAS PERDIDAS** (Los Niños Perdidos); Direção: Jorge Duran, Lali Houghton e Orlando Von Einsiedel. Produção: Caracol Televisión. Colômbia: Netflix, 2024

**CIDADE INVISÍVEL**; Direção: Carlos Saldanha. Produção: Francesco Civita e Beto Gauss. Brasil: Netflix, 2023

**LUZ**; Direção: Thiago Teitelroit. Produção: Floresta. Brasil: Netflix, 2024

**O TERRITÓRIO**; Direção: Alex Pritz. Produção: Darren Aronofsky, Sigrid Dyekjær, Will N. Miller, Gabriel Uchida, Lizzie Gillett, Alex Pritz. Brasil: National Geographic, 2022

**TAINÁ - UMA AVENTURA NA AMAZÔNIA**; Direção: Tânia Lamarca e Sérgio Bloch. Roteiro: Cláudia Levay e Reinaldo Moraes. Produção: Pedro Carlos Rovai. Brasil: Art Films, 2001

## ANEXO I - ROTEIRO

A Lenda das Cataratas

Escrito por

Petula Ferraz Bonvino

Foz do Iguaçu, Paraná  
(45) 991571609  
ferraz.petula@gmail.com

FADE IN:

01. EXT. MATA ATLÂNTICA. NOITE

Céu estrelado, com uma enorme lua cheia iluminando a floresta. Um urutau canta em cima de um galho, enquanto observa a mata escura.

Passos apressados de NAIPI (15), olhos cor de mel, pele parda e cabelos compridos pretos e lisos, e TAROBÁ (15), olhos castanho escuro, pele parda, cabelos curtos, negros e lisos, surgem em meio as árvores, rompendo a tranquilidade da mata.

Eles atravessam um riacho raso, os pés cheios de lama.

02. EXT. COMUNIDADE KAINGANG. NOITE

Em volta de uma fogueira, indígenas Kaingangs preparam uma cerimônia de sacrifício.

O pajé da comunidade, IGOBI (70), olhos serenos e escuros, pele parda e cabelos negros, lisos e compridos, toma cauim em uma cumbuca feita de argila, quando sua companheira, MYG (50), olhos cor de mel, pele escura, cabelos negros, lisos e compridos, presos em uma trança se aproxima, nervosa, trazendo em suas mãos, uma pedra jade verde, enrolada em folhas.

Myg mostra a pedra para Igobi que assenta com a cabeça e toca no objeto, quando um enorme sibilo ecoando pela floresta se aproxima. O casal se abraça e Myg sai apressada na direção oposta, deixando Igobi.

03. EXT. BEIRA DO RIO. CONTÍNUO

Naipi e Tarobá chegam a beira do rio, onde uma canoa feita de jatobá está amarrada por cipós. O casal se prepara para entrar na canoa, quando um sibilo muito alto e assustador ecoa pela floresta, deixando os animais agitados.

Tarobá estende a mão para Naipi.

TAROBA  
Vai, não olha pra trás.

04. EXT. COMUNIDADE KAINGANG. SIMULTÂNEO

A cumbuca de argilha cai no chão, junto com o corpo desfalecido de Igobi.

## 05. EXT. RIO IGUAÇU. SIMULTÂNEO

Naipi e Tarobá remam apressados pelo rio.

Um enorme e assustadora sombra de serpente se aproxima - É MBOI, deus dos cursos da água e criaturas aquáticas, vingativo e temido pelos indígenas kaingangs.

A serpente mergulha no rio, retorcendo seu corpo. O chão treme. A terra se parte.

O rio despenca em um abismo, formando gigantescas Cataratas.

NAIPI

Tupã, nos proteja!

A canoa de Naipi e Tarobá é sugada pelo rio, e o casal cai na água, lutando contra a forte correnteza.

A serpente mergulha em direção ao casal e num piscar de olhos transforma Naipi em uma rocha, no centro do rio, e Tarobá em uma palmeira, na beira de um abismo.

Raios e trovões rasgam o céu estrelado. TUPÃ, o grande Deus dos Deuses observa furioso o que MBOI fez.

TUPÃ

Que o som das águas sejam teu castigo, Mboi. Que nunca durma, e nunca deixes de ouvir o que criaste.

Mboi grita em desespero, sendo tragado e aprisionado em uma enorme queda d'água em formato de U ao contrário - a Garganta do Diabo. Uma névoa densa se forma.

Os raios e trovões desaparecem instantaneamente e o silêncio da floresta agora é rasgado pelo som das enormes quedas de água formadas por Mboi.

Em um galho de árvore, ao lado de Naipi, em forma de rocha, um discreto Urutau canta, enquanto observa os olhos ofídicos da entidade aprisionada, envolto em uma névoa densa.

## 06. EXT. CATARATAS DO IGUAÇU. CONTÍNUO

A névoa dança sobre o abismo. O sol nasce. O tempo apaga as marcas da tragédia - mas, do alto, a paisagem ainda guarda o contorno de uma serpente adormecida.

CARTELA DE TÍTULO: A LENDA DAS CATARATAS

## 07. EXT. ESTRADA. DIA

Um carro segue em um estrada pela entrada da cidade de Foz do iguaçu.

Ao volante está BERNARDO(40), um homem com cabelos castanho claro, quase calvo, pele clara, olhos negros quase escondidos pelo óculos, e uma barba por fazer.

No banco do carona, está IRACEMA(64), cabelos negros e lisos, amarrados por uma trança, pele parda e um rosto marcado pelo tempo.

No banco de trás, YARA(12), olhos escuros e grandes como duas jabuticabas, cabelos lisos e pretos e uma pele parda. Com fones de ouvido escuta um rock clássico. Olhar apático em tudo ao seu redor.

O carro pára em um semáforo dentro da cidade, e Bernardo admira a cidade ao seu redor.

BERNARDO

Foz se desenvolveu muito, desde a última vez que estivemos aqui.

Iracema observa as construções ao redor, pessoas apressadas, carros buzinando e uma mulher indígena, carregando uma criança pequena no colo, e outra amarrada em suas costas por uma espécie de pano.

O olhar de sofrimento pedindo ajuda as pessoas.

Iracema ironiza.

IRACEMA

Desenvolveu pra quem?

O olhar de Yara se cruza com o da mulher. O semáforo fica verde e o carro segue seu caminho.

## 08. EXT/INT. ENTRADA DO PARQUE NACIONAL. DIA

O carro da família se aproxima de uma cancela restrita.

Na guarita ao lado, um homem uniformizado, usando adornos indígenas NAIAN(22) segura um rádio, se aproxima do carro. E aperta as mãos de Bernardo animadamente.

NAIAN

Bom dia, senhor Bernardo. Bem vindo de volta.

Bernardo tentou sorrir, mas o gesto saiu torto, como se a tristeza pesasse mais que os lábios .

BERNARDO  
Obrigado, Naian.

BERNARDO (CONT'D)  
Essa é minha família. Iracema,  
minha sogra.

Iracema sorri carinhosamente.

Bernardo se vira para o banco de trás.

BERNARDO (CONT'D)  
E aquela ali é minha filha, Yara.

NAIAN  
Bem vindos, família! E a sua  
esposa, doutor? Vem depois?

Bernardo responde constrangido.

BERNARDO  
Não. Somos só nós mesmo.

Naian olha para baixo e fica sem graça. Ele pigarreia.

NAIAN  
Ah, bom o senhor já conhece tudo  
por aí, né? Só vou passar um rádio  
avisando o pessoal do RH que vocês  
chegaram. Mas pode seguir.

Naian levanta a cancela. Bernardo acena em despedida e segue com o carro.

#### 09. EXT. CASA DE YARA. DIA

O carro pára em frente a uma casa com arquitetura estilo rústico colonial, com portas e janelas em arco, de madeira escura, e enormes pilares feitos de pedras.

Yara desce do carro, ainda com os fones de ouvido ligado em volume alto.

Iracema se aproxima da garota, e puxa os fones com delicadeza.

IRACEMA  
Olha que coisa mais maravilhosa meu  
amor.

Yara observa ao redor.

A área externa é ampla, com gramado e canteiros de plantas tropicais que se misturam à mata ao redor.

O som do lugar é orgânico com cantos de pássaros ecoando em diferentes tons.

IRACEMA (CONT'D)

Esse lugar vai te fazer muito bem,  
eu tenho certeza.

Iracema dá um beijo na bochecha da neta.

10. EXT. CASA DE YARA - ENTRADA. CONTÍNUO

Um carro entra na propriedade. Desce uma mulher simpática e sorridente, trazendo uma cesta com comeres e bebês.

FUNCIONÁRIA PNI

Olá, pessoal. Bem vindos.

Bernardo segue até a mulher, se cumprimentam com um aperto de mãos, e ela entrega a cesta para ele.

BERNARDO

Muito obrigado.

FUNCIONÁRIA PNI

Presentinho de boas vindas! Como  
foram de viagem? Tudo bem?

BERNARDO

Uma longa estrada, né? Mais de mil  
quilômetros. Mas foi tudo bem.

FUNCIONÁRIA PNI

É, vir de São Paulo até aqui, de  
carro, é bem cansativo mesmo.

Ela sorri, procura ao redor com os olhos.

FUNCIONÁRIA PNI (CONT'D)

Eu só vim checar se precisam de  
algo. E conhecer sua família  
também.

BERNARDO

Ah, claro.

Ele se vira para a varanda da entrada, onde estava Yara.

BERNARDO (CONT'D)  
 Dona Iracema... Filha. Podem vir aqui, por favor?

Yara revira os olhos e se aproxima do pai.

BERNARDO (CONT'D)  
 Essa aqui é minha filha, Yara, e aquela é a minha sogra.

Iracema se aproxima e aperta as mãos da funcionária.

IRACEMA  
 Muito prazer, Iracema.

FUNCIONARIA PNI  
 Prazer, eu sou a Andreia. Sou uma das responsáveis pelos moradores do parque. Sejam muito bem vindas. Tenho certeza que vão amar morar aqui.

Iracema sorri. Andreia se vira para Yara.

FUNCIONÁRIA PNI  
 Inclusive temos uma outra criança morando aqui dentro do Parque. Deve ter mais ou menos sua idade, querida. Quantos anos você tem?

Yara olha para a mulher.

YARA  
 Tenho 12. Mas já vou fazer 13 daqui umas semanas.

FUNCIONARIA PNI  
 Hummm, parabéns. Quase uma mocinha, ein?!

Yara continua sem mostrar interesse na conversa.

Bernardo dá um leve sorriso tentando amenizar.

FUNCIONÁRIA PNI  
 Bom, vou deixar um livrinho pra vocês, com as regras de uso, para moradores do parque. E lembrem-se que é um enorme privilégio morar aqui, mas também uma grande responsabilidade.

Yara dá um suspiro irônico enquanto olha tudo ao seu redor.

BERNARDO

Obrigada pela recepção, Andréia.  
Amanhã começo oficialmente.

FUNIONÁRIA PNI

Nos vemos amanhã no coquetel então.  
Tchau.

Andréia sorridente se despede com um aceno e vai embora.

11. INT. CASA DE YARA - QUARTO BERNARDO. ANOITECER

O quarto tem caixas abertas e roupas penduradas nas malas. Bernardo coloca uma camisa e ajeita o crachá do ICMBio, escrito: DIRETOR GERAL.

Ele encara o espelho – e, por um instante, o reflexo muda. No reflexo, está NAIARA (39), sua esposa falecida, sorrindo.

NAIARA

Você tá bonito, ein?

Ela abraça Bernardo pela cintura.

NAIARA (CONT'D)

Esse uniforme fica muito bem em  
você.

Bernardo sorri. E encara o reflexo por alguns segundos e suspira fundo.

BERNARDO

Eu sinto sua falta.

A imagem de Naiara some do reflexo.

POV DE IRACEMA

Iracema observa por uma fresta, sem ser vista. Seus olhos se enchem de ternura e tristeza.

12. INT. CASA DE YARA - COZINHA. NOITE

Yara sentada a mesa, come um sanduíche, enquanto Iracema prepara um chá, em meio a caixas de mudança.

Bernardo entra uniformizado.

BERNARDO

Eu vou levar uns documentos lá pro  
escritório, senão vai ficar muita  
coisa pra amanhã. Não vou demorar.

Yara morde os lábios e contrai a mandíbula e Iracema percebe  
a reação da neta.

IRACEMA

Mas você dirigiu o dia inteiro,  
Bernardo. Fica em casa, descansa.  
Eu faço um reviro pra você oh.

Ela pega um pacote de farinha e uns ovos que estavam ao lado.

BERNARDO

Não, não, não, Iracema. Não precisa  
se preocupar, eu volto rapidinho. E  
eu como um sanduíche igual esse aí  
da Yara.

Ele aponta para a filha e dá risada.

BERNARDO (CONT'D)

Filha... esse final de semana a  
gente vai conhecer o parque viu?  
Mas vamos conhecer tudo, todas as  
trilhas, cachoeiras, vamo de barco,  
de jipe...

Ela continua ignorando.

Bernardo dá uma pausa de dois segundos.

BERNARDO (CONT'D)

E amanhã vai ter um coquetel pra  
apresentar a gente...

Yara joga o sanduíche em cima da mesa com força e se levanta.

YARA

Apresentar você, pai! Eu nem queria  
tá aqui, no meio desse mato.

Ela sai sem dar tempo do pai responder.

O silêncio domina o cômodo.

Bernardo abaixa a cabeça, tira os óculos e passa a mão no  
rosto.

BERNARDO

Eu não volto tarde.

Pega umas pastas com documentos e sai.

Iracema observa calada.

13. INT. CASA DE YARA - COZINHA. NOITE

Yara entra na cozinha tentando não fazer nenhum barulho, enquanto Iracema arruma caixas no corredor da casa.

Yara pega um pacote de salgadinho no armário e sai pra fora de casa sem que a avó perceba.

14. EXT. CASA DE YARA - VARANDA. NOITE

A varanda está coberta de caixas e objetos da mudança.

Yara procura suas coisas enquanto come o salgadinho.

Ela encontra uma caixa marcada "lembranças", e abre.

Dentro, várias cartas, e fotos. Ela encontra uma foto dela com a mãe e fica parada, olhando o retrato por longos segundos, quando de repente é atacada por um grupo de quatis.

YARA  
(grita)  
Ai!

Os quatis se agitam.

15. EXT. PNI - REDOR DA CASA DE YARA. SIMULTÂNEO

CATU (12), pele branca, cabelos castanhos bem ondulados, olhar confiante em baixo de um óculos de grau azul claro, coleta insetos ao redor, quando escuta Yara gritando.

16. EXT. CASA DE YARA - VARANDA. NOITE

Catu se aproxima calmamente.

CATU  
(parado, firme)  
Calma... eles só estão com medo.

Ele se aproxima lentamente, até os quatis recuarem e sumirem entre as árvores.

YARA  
(assustada, segurando a  
mão)  
Eles me morderam!

Catu se aproxima e observa o ferimento.

CATU  
Não é profundo... mas precisa ir na  
enfermaria. Tem vacina lá.

YARA  
Quem é você?

CATU  
Catu. Moro aqui perto.

(pausa)  
Você é a nova moradora do parque,  
né?

Yara o observa, ainda desconfiada.

YARA  
Sou.

CATU  
Então vem. É por ali.  
(apontando)  
Melhor ir antes que escureça de  
vez.

YARA  
Espera, eu preciso avisar minha  
mã...  
(pausa)  
Quer dizer, minha avó.

17. EXT. PNI - TRILHA - NOITE

Catu caminha à frente, iluminando o caminho com uma pequena lanterna. Yara e IRACEMA o seguem por uma trilha estreita entre árvores.

A mata respira – sons de sapos, grilos, urutaus, corujas, e o eco distante das quedas das cataratas.

CATU  
O parque é enorme. Tem mais de 180  
mil hectares. Aqui vivem onças,  
tucanos... e umas cobras enormes.

Iracema sorri, encantada com o entusiasmo do garoto.

YARA  
(mostrando o pequeno  
ferimento na mão)  
(MORE)

YARA (CONT'D)  
É, e uns quatis bem nervosos  
também, né?

Catu e Iracema riem.

CATU  
Ah, e claro, tem as cataratas. Lá é  
bem bonito. Vocês já conheceram as  
quedas?

YARA  
(desdenhando)  
Mais água, né? Não!

Iracema com a voz embargada.

IRACEMA  
Eu conheci as quedas das cataratas  
bem antes de vocês existirem. Não  
tinha estrada, não tinha calçada,  
não tinha guarda corpo.

Catu observa atento.

IRACEMA (CONT'D)  
Eu já subi em cima de uma rocha, do  
ladinho da garganta do diabo,  
sabia?

CATU  
(impressionado)  
Uaaau!

YARA  
Catu, o que fazia andando pela  
floresta à noite? Não tem medo,  
não?

CATU  
(empolgado)  
Tenho não. Eu gosto muito de  
coletar alguns insetos que tem  
atividade noturna.

YARA  
Insetos de atividade noturna? Tipo  
quais?

CATU  
Ah, tem umas espécies de mariposas,  
vagalumes e até uns besouros. Mas  
coleteo pra fazer pesquisas, sabe?  
(MORE)

CATU (CONT'D)

E eu recolho só os insetos que morrem naturalmente e ficam no chão, em folhas caídas ou na bases das árvores.

18. INT. PNI - ENFERMARIA. NOITE

Uma enfermeira aplica uma injeção em Yara, enquanto Iracema segura sua mão.

YARA

Aaaaai!

ENFERMEIRA

(enquanto retira a injeção)

Essa dói né? Foi a antitetânica. A antirrábica é mais tranquila.

YARA

Nossa, duas injeções por conta de uma mordida?

ENFERMEIRA

É... por isso é importante lembrar que os animais que vivem aqui são silvestres. Não podemos dar alimento e nem carinho.. não é, Catu?

CATU

(envergonhado)

Quando me mudei pra cá eu quis abraçar um deles... também vim parar na enfermaria.

(pausa)

Mas eu aprendi que é só respeitar o espaço dos animais, que dá tudo certo.

19. INT. SEDE ADMINISTRATIVA DO PNI - DIA

Um salão decorado com vegetação tropical e banners do parque. Servidores e convidados conversam, copos de suco e champanhe nas mãos.

BERNARDO é apresentado no púlpito por um colega.

COORDENADOR

Com muito orgulho, apresentamos o novo diretor do Parque Nacional do Iguaçu: Bernardo Silva!

Aplausos.

Bernardo agradece com um sorriso discreto.

BERNARDO

Obrigado a todos. Eu espero poder fazer minha parte dentro dessa reserva, com a minha experiência e paixão pela natureza. Quero trazer novas experiências para os visitantes...

Yara, entediada, brinca com o copo de suco, girando o canudo, enquanto observa de longe o discurso do pai.

Olha em volta – rostos adultos, sorrisos ensaiados.

De repente, a porta do salão se abre.

MARCO ANTONIO (50), alto, uniforme impecável da polícia ambiental, expressão firme, entra e caminha entre os convidados.

O olhar dele se cruza com o de Yara.

Yara o observa, intrigada.

CATU

(aparecendo discretamente  
atrás dela)

Quer conhecer um lugar legal?

Yara se assusta um pouco, mas sorri.

YARA

Qual?

CATU

Tem uma trilha aqui perto. Dá pra ver as quedas bem de pertinho.

Yara hesita, mas o olhar curioso vence.

YARA

Então me mostra.

Os dois saem discretamente pela lateral do salão, enquanto a voz de Bernardo ecoa ao microfone, distante.

20. EXT. PNI - TRILHA - DIA

O sol atravessa a copa das árvores. O canto dos pássaros preenche o ar úmido.

Yara e Catu caminham lado a lado por uma trilha rodeada de mata.

Catu carrega uma mochila nas costas.

Yara, atenta, observa tudo ao redor.

21. EXT. PNI - BEIRA DO RIO IGUAÇU. CONTÍNUO

Eles chegam em um banco de areia na margem do rio, bem próximos as quedas das cataratas.

Yara se impressiona com a imponência das quedas d'água.

De longe, enxergam as trilhas de visitantes do parque, com filas enormes de turistas.

Catu e Yara se sentam lado a lado. Ele tira uma garrafa de água da mochila, bebe um gole e passa para Yara.

YARA

(contemplando)

Esse lugar é lindo!

(pausa)

Você vem aqui sempre?

CATU

Quase todo dia. É o meu lugar favorito. Aqui o tempo anda devagar...

(pausa)

...e às vezes eu acho que o mundo lá fora nem existe.

YARA

É, bem diferente de São Paulo. Lá o tempo corre... e ninguém percebe.

Catu observa a garota, curioso.

CATU

Você sente falta de lá?

YARA

(suspira)

Sinto falta da minha mãe.

(pausa)

Mas aqui... aqui parece mais com ela.

Catu abre um sorriso discreto.

CATU

Talvez ela tenha te trazido até aqui.

Yara olha para ele, sem responder.

CATU (CONT'D)  
 (estica a mão)  
 Vem, eu ainda não te mostrei o mais legal.

22. EXT/INT. PNI - USINA DE SÃO JOÃO - DIA

A luz do sol atravessa a mata. Os dois chegam a uma antiga e pequena usina abandonada, coberta por musgos, samambaias e raízes.

O lugar respira um silêncio úmido.

YARA

(olhando em volta)  
 Você tem certeza que esse lugar é seguro?

CATU  
 (rindo)  
 Só mora bicho aqui... e uns fantasmas de engenheiro.

YARA  
 (apontando para a mão)  
 Se for uns quatis, já é perigoso!

Catu ri por um breve instante. Seus olhos se paralizam em um canto.

Catu encontra uma aranha enorme presa na parede. Ele se agacha, fascinado, e tira uma câmera digital antiga da mochila.

CATU  
 Olha só... é uma tarântula, que linda.

YARA  
 (assustada, se afastando)  
 Ah! Eu passo. Você é doido?

CATU  
 (rindo)  
 Ela não faz mal pra gente não. Ela deve tá com mais medo do que você.

Yara se afasta, incomodada, enquanto Catu tira fotos da aranha. Ela escuta um som distante de tambores e maracás ecoando pela mata.

YARA  
(olhando em volta)  
Você ouviu isso?

Catu concentrado na aranha, não responde.  
Yara caminha em direção ao som, atravessando galhos e folhas.

Ela chega a duas enormes rochas cobertas de limo.  
Entre elas, uma fenda de onde emana uma luz verde pulsante.

Yara se aproxima, encantada.  
Estende a mão e toca a abertura.  
A luz cresce, e ela retira um amuleto de pedra jade verde,  
talhado uma serpente

A luz envolve seu corpo. O som da floresta muda.

23. EXT. BEIRA DO RIO IGUAÇU - NOITE (VISÃO)

Tudo se transforma.

A usina desaparece, e Yara está agora diante de uma enorme lua cheia.

Ela chama por Catu, mas o som é engolido pelo vento.

De repente, vozes, gritos e passos.

Naipi e Tarobá surgem correndo, atravessando Yara como se fosse um holograma.

Yara observa assustada.

Os dois embarcam em uma canoa de madeira e seguem pelo rio.

Bem ao lado de Yara, surge MBOI – um homem pardo, alto, sem cabelos, com olhos ofídicos e língua bifurcada cor de sangue.

Yara dá um passo para trás, mas não consegue se mexer, paralisada de medo.

Mboi se contorce e seu corpo se alonga, transformando-se em uma serpente gigantesca.

Ela mergulha no rio.

O chão treme.

O som das águas explode, e um clarão avermelhado rasga o céu.

Yara grita – e o cenário se dissolve num redemoinho de luz e vento.

24. EXT. PNI - USINA DE SÃO JOÃO - ENTARDECER

Yara desperta no chão, ofegante.

Catu está ajoelhado ao seu lado, assustado.

CATU

Ei! Yara! Você tá bem?  
(toca o ombro dela)  
O que aconteceu?

Yara ainda está zozna. Olha ao redor, tentando entender o que é real.

YARA

Eu... não sei. Acho que... vi alguma coisa.

CATU

Você desmaiou! Achei que algum animal tivesse te picado.

Yara hesita e segura o amuleto escondido em suas mãos.

YARA

Não, foi só um pouco de tontura.  
Acho que minha pressão baixou.

Catu a ajuda a levantar.

Yara coloca o amuleto discretamente no bolso da sua calça.

25. INT. CASA DE YARA - SALA. NOITE

A porta se fecha, ao fundo Catu se despede com um aceno.

BERNARDO

(bravo)  
Yara! Onde você tava?

Ela congela.

YARA

Eu só... tava dando uma volta em uma trilha com o Catu.

Bernardo se aproxima, tenso.

BERNARDO

Sozinhos, no meio do parque? E se acontece alguma coisa? Você tem noção do perigo?

YARA  
 (gritando)  
 Que coisa, pai? Tipo levar uma  
 mordida de um quati?

Ela estica e mostra a mão enfaixada.

O silêncio pesa.

Bernardo tenta se conter, a raiva se transforma em tristeza.

YARA (CONT'D)  
 Pois é, né? Você nem sabia que eu  
 tinha me machucado, tomado vacina e  
 tudo mais! Tudo isso porque você me  
 obrigou a ir embora de casa, e vir  
 morar no meio do mato.

Bernardo tenta pegar na mão machucada da garota.

BERNARDO  
 Filha...

Yara puxa a mão e desvia o olhar, contendo as lágrimas.

YARA  
 Pode deixar, pai. Eu sei que era  
 mamãe que cuidava dos meus  
 machucados.

Ela sai e bate a porta do quarto.

Bernardo vira para Iracema sentada na mesa da cozinha.

BERNARDO  
 Porque você não me contou?

IRACEMA  
 Ontem eu nem vi você voltando pra  
 casa, deve ter chegado muito tarde.  
 E hoje pela manhã você saiu sem nem  
 tomar café. Eu só te vi agora no  
 final do dia, e no meio de uma  
 festa ainda. Em que momento eu te  
 contaria?

Bernardo se apoia na cadeira, tira os óculos, passa a mão no  
 rosto e fica com a cabeça baixa.

26. INT. CASA DE YARA - QUARTO. NOITE

Yara sentada em uma mesinha com uma pequeno notebook, faz  
 pesquisas sobre: serpente - cataratas do Iguaçu.

Na tela, aparecem imagens sobre a lenda das cataratas e relatos sobre Mboi, o espírito guardião das águas.

Ela passa os dedos sobre o entalhe da serpente, examinando o amuleto.

Yara franze a testa – algo a atrai e assusta ao mesmo tempo.

Alguém ou alguma coisa a espia do lado de fora.

Um barulho faz Yara se assustar.

Ela olha para a janela – um QUATI revira uma caixa vazia.

YARA  
(suspira)  
Você de novo?

Ela fecha e tranca a janela, ainda inquieta.

Iracema bate na porta e abre um pequeno vão.

IRACEMA  
Yara, vamos desligar o computador e  
ir dormir?

Yara concorda com a cabeça.

27. INT. CASA DE YARA - COZINHA - DIA

Manhã clara.

IRACEMA serve chá de erva-doce enquanto CATU fala animadamente.

CATU  
...e a Yara desmaiou bem na frente  
da usina! Eu achei que ela tinha  
sido picada ou algo assim.

IRACEMA  
(assustada)  
Desmaiou? Mas por quê?

Yara entra na cozinha, com o cabelo preso e expressão cansada.

YARA  
Bom dia pra vocês também.

IRACEMA  
Isso é sério, menina. Você devia  
ter contado.

YARA

(sentando na mesa)  
Eu tô bem, vó. Foi só um mal estar  
por causa da mordida, já passou.

Ela pega um pão com manteiga e começa a comer.

CATU

(olhando para o relógio no  
pulso)  
Nossa, a gente precisa ir. A van já  
deve estar chegando.

IRACEMA

(entrega um pacote com  
lanche)  
Se apressa meu amor, você não pode  
se atrasar no seu primeiro dia na  
escola nova.

Catu empolgado puxa Yara pelo braço, e ela sem querer derruba  
a mochila da cadeira - o amuleto cai no chão.

Iracema se inclina, intrigada com o brilho esverdeado.

IRACEMA (CONT'D)

Onde você conseguiu isso?

YARA

(apressada, pegando o  
objeto e guardando no  
bolso)  
Ah... achei na trilha. Nada demais.

Catu e Iracema trocam olhares desconfiados.

28. EXT. PNI - PONTO DE ÔNIBUS - DIA

O sol aparece entre as nuvens.

Catu fala sem parar, empolgado.

CATU

Você vai adorar o colégio. Tem uma  
professora que sabe tudo sobre a  
floresta. Ela até leva a gente pra  
trilha às vezes!

Yara parece distante, mexendo no bolso.

CATU (CONT'D)

Tem uns piá que são meio chato, mas  
é só ficar na sua.

YARA

Uns o que?

CATU

Uns piá, uns menino, uns guri.

YARA

Ah, nossa. Piá.

CATU

Vai dar tudo certo, todo mundo vai gostar de você. Você tá nervosa? Eu estaria muito nervoso. Eu lembro do meu primeiro dia nessa escola, acho que eu tinha tipo uns 10 anos, minha mãe me levou, porque eu tava com medo...

Yara começa a ficar impaciente com a empolgação de Catu, e aperta o amuleto em seu bolso..

De repente, o céu escurece.

O vento levanta folhas e poeira.

Relâmpagos cortam o horizonte.

CATU (CONT'D)

(surpreso)

O que... aconteceu?

Yara sente o amuleto aquecer na palma da mão.

O vento se transforma em tempestade.

Um raio atinge duas árvores próximas – os galhos despencam e bloqueiam a estrada.

29. EXT. PNI - ESTRADA INTERNA. CONTÍNUO

O ônibus turístico freia bruscamente.

Passageiros assustados se levantam.

A van escolar que vinha logo atrás é impedida de continuar o trajeto.

Turistas correm para se abrigar da chuva repentina.

30. EXT. PNI - PONTO DE ONIBUS. CONTÍNUO

Catu puxa Yara, paralizada, pelo braço.

CATU  
Vem, é perigoso ficar aqui.

Yara contesta.

YARA  
Não, eu não quero voltar pra minha casa.

Catu impaciente.

CATU  
Então vamos pra minha casa, só não dá pra ficar na chuva. Corre!

Os dois correm pra frente da casa de Catu.

31. INT. CASA DE CATU - SALA. CONTÍNUO

Os dois entram pingando na casa de Catu.

A mãe de Catu veste capa de chuva.

MAE DE CATU  
Ô meu filho, você tá bem?

CATU  
Oi mãe, sim. Essa é a minha amiga, a Yara.

A mãe de Catu pega duas toalhas dentro de um armário, e entrega para eles.

CATU (CONT'D)  
Ela é filha do novo diretor do parque.

MAE DE CATU  
(rindo)  
Oi Yara. Bem vinda ao parque.

Yara sorri e acena com a cabeça.

CATU  
Uma árvore caiu bem ali no meio da estrada. A van escolar não consegue passar.

A mãe de Catu junta as sobrancelhas.

MAE DE CATU  
Mas que temporal mais louco... até pra Foz do Iguaçu. Veio do nada.

Yara olha pela janela – segura o bolso com força.

MAE DE CATU (CONT'D)

Bom, eu vou ligar lá na escola de vocês e avisar que vocês não vão conseguir sair do parque.

Ela se vira em direção a Yara

MAE DE CATU (CONT'D)

E Você, Yara. Já avisou seu pai?

Yara concorda com a cabeça.

YARA

Sim, eu mandei uma mensagem pra ele, tia. Pode ficar tranquila.

Catu olha em silêncio.

MAE DE CATU

Catu, vocês podem ficar aqui se quiserem, ou na casa da Yara. Só não podem sair por aí nesse temporal, ok? É perigoso e você sabe disso.

CATU

Eu sei mãe, pode deixar. A gente vai ficar por aqui. Eu tenho mesmo que mostrar uns livros da cidade para a Yara não passar vergonha na escola.

Yara faz careta e Catu ri.

MAE DE CATU

Se comportem. Se precisar de algo pode passar um rádio. Eu preciso ir pra sede, o novo diretor...

(pausa)

quer dizer, o pai da Yara, quer reunir toda a equipe hoje.

CATU

Ta bom mãe, vai lá.

A mãe de Catu dá um beijo a testa do filho e acena para Yara.

MAE DE CATU

Tem macarrão na geladeira, Catu. Almochem!

Coloca o capuz da capa de chuva e sai correndo.

CATU  
 Você mente bem, ein?!

Yara dá de ombros.

32. INT. CASA DE CATU - BIBLIOTECA. DIA

Yara observa entre os livros, alguns frascos com rochas e insetos em resina dividindo espaço com lupas e um globo terrestre.

Catu puxa uma pequena escada e pega uns livros no alto de uma prateleira.

Ele coloca os livros cheios de poeira em cima de uma mesa.

CATU  
 Olha aqui, peguei dois livros pra  
 você.  
 (ele entrega um deles pra  
 Yara)  
 Esse aqui é massa.

Yara pega o livro intitulado: Breve história de Foz do Iguaçu.

YARA  
 Ai, Catu. Que chato. Não tem um  
 livro mais legal aí, não?

Catu sorri.

CATU  
 Tem esse!

Ele mostra um livro intitulado: A Lenda das Cataratas. Na capa, um casal indígena dentro de uma canoa, fugindo de uma enorme serpente.

33. INT. CASA DE YARA SP. FLASHBACK

Yara (6) deitada em uma cama aconchegante. Naiara sentada ao lado da filha, lendo um livro: A LENDA DAS CATARATAS.

34. INT. CASA DE CATU - BIBLIOTECA. VOLTA AO PRESENTE

Yara olha curiosa.

YARA  
 Eu já vi essa cena antes.

CATU  
 Ah, é clássico né?! Naipi,  
 Tarobá... Mboi.

YARA  
 Mboi?

CATU  
 (apontando para figura no  
 livro)  
 É, a cobra. É o Mboi.

Yara paraliza alguns segundos.

CATU (CONT'D)  
 Eu também acho o nome dele bem  
 diferente. Mas é em outra língua. É  
 em guarani, e quer dizer serpente.

Yara folheia o livro.

YARA  
 Você me empresta ele por uns dias?

CATU  
 Empresto sim, só cuida bem dele.  
 Era do meu avô.

YARA  
 Pode deixar, eu prometo.

35. INT. CASA DE YARA - SALA - ANOITECER

O som abafado de uma guitarra vem do quarto de Yara.

Bernardo e Iracema conversam na sala.

IRACEMA  
 E aí por causa da chuva ela não  
 pôde ir pra escola. Ficou na casa  
 do novo amigo dela, o Catu.

BERNARDO  
 Catu?

Iracema balança a cabeça.

IRACEMA  
 É. O menino que mora aqui dentro do  
 parque. Uma graça! Achei que ela  
 tivesse falado dele pra você.

BERNARDO

Não sei, talvez tenha comentado.

(pausa)

Eu devia ter levado ela pra escola hoje, era o primeiro dia. Eu devia estar lá.

Iracema concorda com a cabeça.

IRACEMA

Mas você ainda pode tá. Ela precisa de você.

BERNARDO

Segunda - feira eu vou cancelar o transporte escolar dela. Eu mesmo vou levar ela na escola. Posso levar o amiguinho dela também. Assim já conheço ele.

Iracema sorri aliviada.

### 36. INT. CASA DE YARA - QUARTO - NOITE

Yara toca guitarra com fones de ouvido, olhos fechados. A música é intensa e melancólica.

De repente, uma vento forte entra pela janela, folheando o livro que Catu lhe emprestou, deixando aberto em uma página com um desenho assustador de Mboi.

Uma luz vermelha brilha sobre o livro.

Ela tira os fones e o som de um sibilo ecoa no ar.

O amuleto começa a flutuar levemente, envolto em luz.

Yara observa, boquiaberta.

O amuleto emanando luz atravessa a janela e se afasta, flutuando em direção à mata.

Yara hesita - depois, levanta-se e a segue.

### 37. EXT. TRILHA DO PNI. NOITE

O luar ilumina o caminho.

Yara caminha descalça, com o olhar fixo na luz vermelha que flutua adiante.

As folhas se movem ao seu redor, como se a floresta respirasse junto.

Algo ou alguém observa Yara de longe.

38. EXT. PNI - NOITE

Catu surge andando entre as árvores, carregando umas amostras de insetos e uma enorme lanterna.

Ao longe, vê Yara seguindo a luz.

CATU  
(grita)  
Yara! Espera!

O rugido das Cataratas cobre sua voz.

Ele corre, tropeçando nas raízes.

39. EXT. PNI - BEIRA DO RIO. NOITE

O vento sopra com violência.

As águas estão agitadas, iluminadas pela lua cheia e por uma luz intensa que sai do amuleto que sobrevoa na beira do rio.

Uma melodia misteriosa ecoa como um canto ancestral.

Fascinada, Yara se ajoelha e estende a mão para pegar o amuleto.

Catu chega e a puxa pelo ombro.

CATU  
Yara! O que você tá fazendo?!

Assustada, ela deixa o amuleto cair.

O objeto rola até a beira e afunda no rio, emitindo um último clarão.

Os dois observam, petrificados.

Um raio de luz vermelha explode no céu.

O som das águas se transforma em um sibilo ensurdecedor

Escurecimento total.

40. INT. PNI - QG DA POLÍCIA AMBIENTAL. NOITE

Marco Antônio, fuma um charuto ao lado da janela de uma janela, quando vê a luz vermelha eclodir das cataratas.

41. EXT. PNI - BEIRA DO RIO. NOITE

Duas silhuetas: Naipi e Tarobá, emergem do rio, usando vestes feitos com cipós e folhas.

Yara e Catu observam a cena paralisados de medo.

O casal se abraça e se beija e ficam se olhando durante alguns longos segundos.

Yara balbucia

YARA

O que tá acontecendo?

Catu continua encolhido.

Naipi se aproxima de Yara, e aponta para si mesma.

NAIPI

Naipi. Naipi.

Ela aponta para Tarobá.

NAIPI (CONT'D)

Tarobá. Tarobá.

Yara continua sem entender e observa o casal boquiaberta.

Catu reconhece os nomes.

CATU

Ei, não pode ser. Vocês são Naipi e Tarobá? Da lenda das cataratas?

Yara ironiza.

YARA

Claro que não, né, Catu. É só uma história. Deve ter uma explicação.

CATU

Ah tá. E qual seria?

YARA

Eles devem ser atores, sei lá... alguém tá pregando uma peça na gente.

CATU

E como eles saíram magicamente de dentro do rio?

Yara não responde. Fica olhando o casal, que ainda troca carícias.

42. EXT. PNI - BEIRA DO RIO. CONTÍNUO

O som das águas ecoa distante. Lanternas e vozes cortam a escuridão da floresta.

AGENTES DA POLICIA (O.S.)

Por aqui! Vasculhem tudo!

Marco Antônio surge, fardado, com olhar severo. Examina o solo úmido, os vestígios da explosão.

MARCO ANTÔNIO

Devem estar por aqui. Procurem!

Entre os arbustos, Yara, Catu, Naipi e Tarobá se abaixam, ofegantes.

Catu observa, tenso. Segura o braço de Yara.

CATU

(Sussurrando)

Vem... por aqui.

Eles se afastam silenciosos, desaparecendo entre as sombras. O reflexo das lanternas dança nas folhas úmidas.

Marco Antônio ergue o rosto, como se sentisse algo – um vento estranho sopra sobre ele.

MARCO ANTÔNIO

(para si mesmo)

Ele... está perto.

43. EXT. TRILHA NA FLORESTA - NOITE

O grupo corre pela mata densa. Galhos estalam sob os pés. O som distante dos agentes da polícia ambiental se mistura ao som dos animais na mata.

YARA

Catu, a gente devia contar pra eles! Se eles descobrirem, a culpa vai cair em mim!

CATU

Eles não vão entender, Yara. E  
aquele cara... o capitão, ele é  
mal.

Yara escuta em silêncio.

CATU (CONT'D)

Eu não tenho como provar, mas eu  
sei que ele é mal!  
(olhando para Naipi e  
Tarobá)  
E olha pra eles. Não vão durar nem  
uma noite sem a gente.

Yara encara o casal – seus rostos serenos, alheios à  
correria, iluminados pela lua.

YARA

Então o que você quer fazer?  
Esconder eles? Isso é loucura.

CATU

Tudo isso que aconteceu é uma  
loucura! Deve ter a ver com aquela  
pedra que tava com você.

YARA

O quê?

CATU

É, aquela pedra que caiu da sua  
mochila hoje de manhã. Ela tava  
flutuando em cima do rio, não tava?

YARA

É, só que eu perdi ela... graças a  
você que me deu um susto.

CATU

Você tava caminhado pela mata,  
sozinha...eu.. eu só quis te  
ajudar.

Yara reflete.

CATU (CONT'D)

Então...?

Catu olha, ansioso pela decisão da amiga.

YARA

Tá bom. Mas só essa noite.

Catu comemora dando um pulinho.

CATU  
(empolgado)  
Legal!

Tarobá e Naipi imitando o gesto do garoto.

TAROBA E NAIPI  
(juntos)  
Legal!

44. EXT. CASA DE YARA - VARANDA - NOITE

A lua alta. O som distante das cigarras.

Catu ajuda o casal a subir pela janela do quarto de Yara.

CATU  
Eu vou fazer uma pesquisas. Tentar descobrir alguma coisa sobre aquela pedra. Amanhã cedo eu prometo ter respostas.

YARA  
(pulando a janela)  
É bom mesmo, porque eu nunca fui boa em cuidar de pets, imagina dois indígenas de 500 anos.

Catu dá risada.

CATU  
Eu volto de manhã. Prometo.

YARA  
E se eles vierem aqui?

CATU  
Confia. Amanhã a gente entende melhor.

Catu acena para os amigos.

CATU (CONT'D)  
Tchau, Naipi. Tchau, Tarobá. Até amanhã.

Catu desaparece na noite. Yara observa, apreensiva. Fecha a janela devagar.

## 45. INT. CASA DE YARA - QUARTO - NOITE

O quarto está em penumbra, e Yara acende a luz.

Naipi tropeça, encantada com o brilho de lâmpada elétrica.

NAIPI

Fogo preso?

YARA

(baixo e impaciente)

É, é... uma lâmpada, incrível.

Yara pega duas cobertas do armário e joga no chão.

YARA (CONT'D)

Podem dormir aí... e, por favor,  
não mexam em nada, e não façam  
barulho.

Naipi se deita, observando tudo com curiosidade.

Ela apaga a luz. O quarto fica quase todo escuro, iluminado apenas pela luz de um pequeno abajur.

Naipi e Tarobá se ajeitam no chão, abraçados.

Por um instante, Yara os observa com ternura em seu olhar.

## 46. EXT. MARGEM DO RIO IGUAÇU - NOITE

O silêncio pesa. A superfície da água começa a borbulhar.

Das profundezas, MBOI emerge – o corpo coberto por lodo e escamas, respiração pesada. Ele tenta se firmar, cambaleante.

Ao redor, répteis e serpentes rastejam até ele, formando um círculo hipnótico.

Mboi ergue o olhar para a floresta, seus olhos ofídicos cintilam sob o luar.

Ele abre os braços. As cobras se entrelaçam, criando uma espiral viva.

Um trovão distante responde.

## 47. INT. SONHO

Yara caminha por uma floresta, sozinha.

O sol brilha, os pássaros cantam, borboletas voam ao redor de Yara.

Ela começa a escutar vozes vindas da floresta.

Ela se aproxima de um tronco, e encosta o ouvido.

ARVORE

(baixinho)

Escute a floresta chamar...

(repete 3x)

PEDRA

Escute a floresta chamar...

(repete 3x)

O som vai se tornando macabro. O sol some, a escuridão domina o céu, a floresta vai se tornando densa e assustadora.

Yara corre chorando de medo. Ela para próximo a uma enorme rocha, percebe o silêncio e olha para trás.

Uma enorme cobra a ataca.

48. INT. CASA DE YARA - QUARTO. AMANHECER (VOLTA AO PRESENTE)

Yara desperta. Vira-se e vê Naipi e Tarobá sentados no chão, olhando para ela – calmos, imóveis.

YARA

Podia ter sido um pesadelo.

Yara suspira e se senta na cama.

YARA (CONT'D)

(falando pra si propria)

Tá... Como eu vou fazer isso?

Ela se levanta, ajeita o cabelo e aponta para eles.

YARA (CONT'D)

Fiquem aqui. Quietos. Sem tocar em nada, ok?

Naipi e Tarobá acenam, obedientes.

Yara sai bufando.

49. INT. CASA DE YARA - QUARTO DE BERNARDO - AMANHECER

Yara entra.

Ela hesita antes de abrir o guarda-roupa. Dentro, roupas masculinas, dobradas, no fundo, alguns vestidos.

Ela toca um vestido com cuidado – os olhos marejam.

Pega um punhado de roupas, respira fundo e fecha o armário.

50. INT. CASA DE YARA - QUARTO - AMANHECER

Yara entra e flagra Tarobá dedilhando sua guitarra, curioso com o som que sai.

Do outro lado, Naipi espirra perfume... no próprio olho.

YARA  
(irritada)  
O quê que vocês estão fazendo?!

Ela corre até Tarobá, toma a guitarra das mãos dele com impaciência.

YARA (CONT'D)  
Isso não é brinquedo!  
E você – isso é perfume, não é pra  
beber nem pra passar no olho!

Naipi pisca, confusa. Tarobá assopra os olhos da amada.

Yara joga um monte de roupas sobre a cama, irritada.

YARA (CONT'D)  
Vistam isso. Roupas normais.  
Camisa, calça... é o que as pessoas  
usam.

Naipi segura uma calça jeans, tentando colocá-la pelos braços.

Tarobá observa o zíper com fascínio.

YARA (CONT'D)  
Não, não é assim...

Yara auxilia os dois a se vestirem.

Naipi fica se admirando com o vestido.

51. INT. CASA DE YARA SP - QUARTO NAIARA. DIA (FLASHBACK)

Naiara se observa no espelho usando o mesmo vestido.

Yara (4) chega e abraça a mãe pelas pernas. Naiara sorri e abraça Yara. Juntas contemplam a imagem no espelho.

52. INT. CASA DE YARA - QUARTO. AMANHECER (VOLTA AO PRESENTE)

Yara suspira fundo.

Naipi e Tarobá se abraçam e se beijam.

53. INT. CASA DE YARA - CORREDOR. AMANHECER

O corredor está silencioso.

Yara guia o casal em direção à porta, gesticulando para que andem na ponta dos pés.

YARA

Baixo. Silêncio total. Minha avó tá na cozinha.

Mas Tarobá para diante de um espelho e se espanta com o próprio reflexo.

Ele recua e esbarra num vaso.

O som ecoa.

Da cozinha, ouve-se a voz de Iracema.

IRACEMA (O.S.)

YARA? QUE BARULHO FOI ESSE?

Yara revira os olhos, pega os cacos e respira fundo.

54. INT. CASA DE YARA - COZINHA - AMANHECER

A luz entra pela janela, dourada. O som de chaleira fervendo.

Yara entra com o vaso quebrado nas mãos.

YARA

Desculpa, vó. Foi um acidente.

Iracema pega os cacos e joga no lixo.

IRACEMA

Você se machucou?

YARA

Não, tá tudo bem.

IRACEMA

Você acordou cedo num sábado.. Que milagre. Vamos tomar um chá comigo?

YARA

(pegando frutas)

Ah, não dá não, Vó. Eu combinei de encontrar o Catu bem cedinho. Inclusive era pra ele já estar aqui.

IRACEMA

Mas o que é que vocês dois tem pra fazer tão cedo, que não dá tempo nem de tomar um café da manhã?

Yara enfia um pão na boca.

YARA

(com a boca cheia de comida)

A gente vai fazer uma trilha aqui no parque, Vó, parece que o guia começa o passeio bem cedo. E eu já tomei café.

Enfia mais um pedaço de pão na boca, e coloca as frutas dentro da mochila.

YARA (CONT'D)

Tchau, Vó.

IRACEMA

Tchau meu amor. Se cuidem. Convida o Catu pra almoçar aqui!

YARA

Tá, eu vou ver com ele, Vó. Fui

Iracema sorri com o canto dos lábios, observando a neta sair com pressa.

55. EXT. CASA DE YARA - VARANDA - DIA

Naipi e Tarobá estão agachados no jardim, catando folhas e raízes.

Yara surge, enfurecida.

YARA

Vocês estão loucos?! Falei pra me esperarem dentro de casa.

A barriga de Tarobá começa a roncar.

YARA (CONT'D)  
(impaciente)  
Vocês estão com fome, né?

Ela entrega frutas a eles. O casal devora.

Yara observa, entre irritada e comovida.

YARA (CONT'D)  
Também, meio milênio sem comer.

56. EXT. PNI - TRILHA - DIA

A floresta é viva – folhas, vento, ruídos.

Yara caminha à frente, com o casal atrás.

De repente, o som de um helicóptero corta o céu.

TAROBÁ  
(olhando pra cima)  
É Tupã, é Tupã!  
Ambos se abaixam, assustados.

YARA  
(rindo)  
Calma! É só um helicóptero. Não é o  
Tupã.  
(falando bem devagar)  
Helicóptero.

TAROBA  
Quelicóperu.

YARA  
(olha pra eles, divertida)  
Quase isso. É só um meio de  
transporte. Ele leva pessoas de um  
lado pro outro.

NAIPI  
Homem ser pássaro?

YARA  
(fazendo sim com a cabeça)  
Acho que vocês entenderam.

Ela sorri – pela primeira vez, genuinamente.

Tarobá ainda desconfiado caminha olhando para cima.

## 57. EXT. CASA DE CATU - VARANDA - DIA

Catu saindo de casa. Ao ver Yara e o casal chegando, corre ao encontro.

CATU  
Eu tava indo encontrar vocês.

YARA  
(ironizando)  
É, nossa... super cedo.

CATU  
(sério)  
Entra. A gente precisa conversar.

## 58. INT. CASA DE CATU - SALA - CONTÍNUO

A casa é simples, cheia de livros e desenhos de animais colados nas paredes.

Catu anda de um lado a outro, nervoso.

CATU  
Não consegui achar nada sobre o amuleto. Mas... se a história for verdade, a gente tá em perigo.

YARA  
Como assim, perigo?

CATU  
A lenda fala do espírito-serpente, vingativo. Dizem que ele nunca foi totalmente destruído. E se ele vier atrás deles? O Mboi não vai descansar.

Tarobá empalidece, os olhos se arregalam. Ele recua.

TAROBÁ  
(balbuciando)  
Mboi...

Sem esperar resposta, ele corre até a janela e salta para fora.

NAIPI  
Tarobá!

Naipi vai atrás.

Yara e Catu se entreolham e saem correndo.

CATU  
Esperem, ei!!

59. EXT. PNI - FLORESTA - DIA

Eles atravessam a mata, ofegantes, até chegarem a uma clareira, onde encontram Tarobá sendo acalmado por NADI (11), cabelos negros e lisos, pele parda, ao lado de Naipi.

Os dois param e encaram a cena por alguns segundos.

Nadi os encara séria.

CATU  
(assustado)  
Ei, eu conheço você  
(pausa)  
é daquela aldeia, né? Dizem que vive invadindo o parque.

NADI  
(brava)  
Eu não invado nada. Floresta não tem dono. E eu só venho aqui porque no tekoha não tem natureza. Eu gosto de banho de rio, de comer fruta no pe. Não sou invasora.

CATU  
Tá bom, tá bom. Desculpa. Eu me chamo Catu, e você?

NADI  
Me chamo Nadi.  
(encara Yara)  
E você... perdeu algo importante, não foi?

YARA  
Eu sou a Yara.  
(pausa)  
E como você sabe disso?

NADI  
Eu vi. Desde o dia em que você o encontrou.

Silêncio.

NADI (CONT'D)  
Você despertou eles - os amantes da lenda.

(MORE)

NADI (CONT'D)  
 (aponta para Naipi e  
 Tarobá)  
 E libertou também Mboi.  
 Sem o amuleto, ele não pode mudar  
 de forma.  
 Mas se o recuperar...

CATU  
 E o que a gente faz agora?

NADI  
 O pajé da minha comunidade pode  
 ajudar.

Yara cruza os braços, desconfiada.

YARA  
 Não sei se dá pra confiar em você.  
 Você ficou me espionando escondida.

NADI  
 (confiante)  
 Então continua perdida.

Catu intervém.

CATU  
 Chega.  
 Yara, a gente precisa de ajuda,  
 você sabe. Vamos com ela.

Yara suspira, vencida.

YARA  
 Tá. Mas eu tô de olho em você,  
 menina da floresta.

Nadi mostra a língua pra Yara que revira os olhos.

Eles seguem juntos, sumindo entre as árvores.

60. EXT. PNI - ENTRADA DO PARQUE - DIA

Atravessam o mato até avistarem Naian na guarita do parque.

Nadi pede silêncio.

NADI  
 Fiquem aqui. Eu falo com ele.

Ela se aproxima com cautela.

Naian sai da guarita com papéis nas mãos.

Ao ver Nadi, ele se assusta.

GUARDA

O que você tá fazendo aqui, Nadi?  
Você sabe que não pode invadir  
assim.

NADI

Eu não invadi nada, você sabe  
disso. Aqui é nossa terra.

NAIAN

Olha Nadi, eu sinto muito. Mas você  
conhece as regras, eu vou precisar  
falar com seus pais.

NADI

Não, espera. Eu preciso de ajuda.  
Naipi e Tarobá despertaram. O  
amuleto da serpente foi perdido.  
A gente precisa ver o pajé – agora.

O guarda olha em volta.

NAIAN

O que? Calma, eu não entendi nada.  
Naipi e Tarobá? Da lenda das  
cataratas?

NADI

Você não conhece a história do  
amuleto da serpente? A nova  
moradora aqui do parque o  
encontrou. E ontem foi noite de lua  
cheia

(pausa)

Eles voltaram. Eu preciso levá-los  
para o Rudá.

61. EXT. PNI - ENTRADA DO PARQUE. CONTÍNUO

Nain olha curioso para Naipi e Tarobá enquanto se apresentam.

TAROBA

Tarobá.

NAIPI

Naipi.

Naian se volta para Nadi e suspira.

NAIAN

Se isso for brincadeira de vocês,  
eu vou contar pros seus pais.

Ela faz sinal ao grupo, que emerge do mato e parte rapidamente.

62. EXT. PNI - ESTACIONAMENTO - DIA

O portão de ferro range ao se abrir.

Naian faz um sinal discreto com a cabeça, para outro guarda do parque.

NAIAN

(vagaroso, disfarçando)  
Vou buscar uma encomenda fora da  
reserva... já volto.

A kombi branca do parque está coberta de poeira.

Yara, Catu, Naipi, Tarobá e Nadi embarcam escondidos entre caixas e lonas.

O motor tosse... e a kombi parte, engolida pela mata.

63. EXT. PNI - TRILHA. DIA

O som dos pássaros se mistura a murmúrios e gritos.

Turistas recuam - répteis de todos os tamanhos se arrastam pela trilha, em uma linha quase hipnótica.

Entre eles, surge Mboi, caminhando imponente, usando uma túnica preta.

A selva parece se curvar.

TURISTA (O.S.)

(assustada, gravando com o  
celular)  
Meu Deus... o que é isso?

Um GUARDA leva a mão ao rádio, nervoso.

GUARDA

(cauteloso, no rádio)  
Base... temos uma figura estranha  
aqui. Um homem esquisito tá sendo  
seguido por...  
(pausa)  
répteis. Centenas de répteis!!

Mboi passa entre as pessoas, sereno, como se o mundo se abrisse para ele.

64. INT. PNI - QUARTEL DA POLICIA AMBIENTAL. DIA

MARCO ANTÔNIO, tenso, ouve a transmissão no rádio.  
Seu olhar se estreita. Um arrepio percorre sua espinha.

MARCO ANTÔNIO  
(baixo, para si)  
Não pode ser...

Ele se levanta bruscamente, pega o rádio.

MARCO ANTONIO  
Podem ficar tranquilo, deixem  
comigo.

65. EXT. PNI - TRILHA - DIA

Turistas filmam Mboi boquiabertos. Marco Antônio se aproxima lentamente, sorrindo.

MARCO ANTÔNIO  
(alto, teatral)  
Senhoras e senhores, uma encenação  
especial sobre a Lenda das  
Cataratas! Aplausos para Mboi!

O medo se transforma em alívio, e a multidão aplaude. Marco se aproxima de Mboi, agora sério.

Inclina-se e sussurra.

MARCO ANTÔNIO (CONT'D)  
(baixo, firme)  
Achei que você nunca voltaria. Eu  
posso te ajuda a localizar a pedra  
(pausa)  
E também Naipi e Tarobá.

Mboi o encara. Um silêncio denso entre os dois.

66. EXT/INT. ESTRADA. DIA

A kombi avança lentamente pela estrada sinuosa.

A luz atravessa as árvores em faixas douradas.

Dentro, os jovens tentam se equilibrar entre caixas.

Naian coloca um CD no aparelho e uma música em Guarani, cantada por crianças, começa a tocar.

Catu bate nas tampas das caixas, criando um ritmo.

Nadi entra com estalo de dedos. YARA sorri, tímida.

NAIPI e TAROBÁ se olham – um eco antigo daquela canção vibra neles.

Yara encara os amigos cantando.

67. INT. CASA DE YARA SP - SALA. DIA (FLASHBACK)

YARA – ainda pequena – segura as mãos da mãe, da avó e do pai.

Eles dançam e cantam a mesma canção.

A imagem se dissolve .

68. INT. KOMBI. DIA (RETORNA AO PRESENTE)

Yara observa todos cantando alegremente a canção.

69. INT. CASA DE MARCO ANTÔNIO - ESCRITÓRIO - DIA

A porta se fecha atrás del Mboi.

Marco Antonio se senta em uma poltrona, e acende um charuto.

Fumaça de charuto preenche o ar.

Mboi observa a fumaça subir.

Marco joga uma pasta antiga sobre a mesa.

Papéis, mapas, documentos e imagens do amuleto.

MARCO ANTÔNIO

Minha família vem buscando esse amuleto por séculos. Nunca encontramos.

Toda lua de sangue eu esperava, esperava..

(debocha)

Cheguei a duvidar que era verdade.

(pausa)

Até a noite de ontem....

Mboi continua calado, apenas observando.

Marco se aproxima de Mboi.

MARCO ANTONIO  
Alguém despertou vocês, não foi?  
(pausa)  
Quem?

Mboi continua calado.

Marco Antonio vai até um pequeno armário e se serve com uma garrafa de uísque, pega outro copo, entrega a Mboi e coloca uísque.

MARCO ANTÔNIO  
O tempo em que você despertou... as coisas estão bem diferentes. A tecnologia é quem domina o mundo.

MBOI  
(murmura)  
Tecnologia?

MARCO ANTÔNIO  
É...  
(pausa)  
E eu tenho o poder da tecnologia.

Mboi olha confuso.

Marco liga uma enorme tela em seu escritório com várias câmeras de segurança do parque aparecendo em tempo real.

Mboi olha hipnotizado.

MARCO ANTONIO  
Eu tenho olhos por todos os lados e consigo ver tudo ao mesmo tempo. Eu sou o líder desse lugar.  
(pausa)  
Quer minha ajuda ou não?

Mboi assenta com a cabeça.

O telefone de Marco toca. Ele atende, ainda fitando Mboi.

SOLDADO (O.S)  
Comandante, achamos imagens de um casal, que bate com as descrições que o senhor nos passou. Eles fugiram em uma kombi do parque. Um funcionário ajudou.

Marco solta um riso satisfeito.

Apaga o charuto com firmeza.

MARCO ANTÔNIO  
A caça começou.

70. EXT. COMUNIDADE INDÍGENA - DIA

A kombi para. Poeira sobe.

Os jovens descem e observam o local, com casas de madeira e palha espalhadas pela aldeia.

No centro, uma casa ampla e aberta se destaca.

Yara observa crianças brincando e dançando de mãos dadas, com roupas simples e sujas de terra.

Na entrada da escola da comunidade, uma sala colorida exhibe um mural com desenhos, pinturas e símbolos feito pelas crianças.

71. EXT. COMUNIDADE INDÍGENA - CONTÍNUO

NADI fala com alguns moradores, gesticulando.

NADI  
Precisamos falar com o pajé. É urgente.

CATU corre atrás de galinhas, rindo.

NAIPI e TAROBÁ, inquietos, trocam olhares com os moradores da comunidade.

De repente, surge RUDÁ (95) – o pajé.

Seu rosto é um mapa do tempo.

Ele se aproxima e reconhece Naipi e Tarobá.

RUDA  
Espíritos da floresta! Eles voltaram!

O círculo da aldeia se fecha. Crianças tocam suas mãos, curiosas, encantadas.

CRIANÇA  
(sussurrando)  
Eles são de verdade...

Vários moradores da comunidade se juntam para olhar Naipi e Tarobá.

72. EXT. COMUNIDADE INDÍGENA - CONTÍNUO

RUDÁ ergue as mãos, sorrindo.

A comunidade vibra em alegria.

YARA observa, deslocada, até que NAIPI chega ao seu lado e segura sua mão.

Rudá se aproxima de Yara.

RUDA  
Foi você menina?

Yara olha confusa. Dá de ombros.

YARA  
Eu não sei.  
Eu achei uma pedra em forma de cobra, daí comecei a ter umas visões.

Nadi interrompe.

NADI  
É, só que ela perdeu.

Catu olha para os lados, envergonhado.

RUDA  
Nadi  
(pausa)  
Você mais do que ninguém sonhou com esse dia. Em conhecer a Naipi e o Tarobá.  
(pausa)  
E a Yara nos trouxe isso  
(pausa)

Nadi encara Yara por alguns longos segundos.

RUDA (CONT'D)  
Devemos ser gratos.

Nadi abaixa a cabeça e o olhar. Levanta a cabeça e encara Yara.

NADI  
Se você despertou eles, é porque você é uma de nós.  
(MORE)

NADI (CONT'D)  
 (pausa)  
 Bem vinda ao Tekoha.

RUDA  
 (para Yara e Nadi)  
 Venham, vamos comemorar nosso  
 Arapyú.

73. EXT. PNI - CASA DE CATU - DIA

O sol já começa a se inclinar.

BERNARDO estaciona o carro em frente à casa de Catu.

Bate à porta com força, ansioso.

A MÃE DE CATU abre a porta.

Ela segura um pano nas mãos, olhos aflitos.

BERNARDO  
 Ester, Catu tá em casa? E a Yara?

MÃE DE CATU  
 (abalada)  
 Não... ele deixou um bilhete. Disse  
 que ia pra casa da Yara.

O coração de Bernardo dispara. Ele pega o rádio no cinto.

BERNARDO  
 (no rádio)  
 Aqui é o Bernardo. Temos dois  
 menores desaparecidos, Yara e Catu.  
 Repito, dois menores. Verifiquem  
 saídas e trilhas do parque.

74. EXT. COMUNIDADE INDÍGENA - ENTARDECER

A fogueira dança no centro da aldeia.

Labaredas alaranjadas refletem nos rostos - alegria,  
 reverência e acolhimento.

As pessoas dançam, trocam alimentos, cantam em guarani.

NAIPI e TAROBÁ dançam entre os indígenas, em comunhão.

RUDÁ  
 (sereno, firme)  
 A lua traz o espírito da noite.  
 (MORE)

RUDÁ (CONT'D)

E com ele... o fogo que revela o caminho.

Ele lança ervas nas brasas – uma fumaça colorida sobe, verdes, azuis – como se o fogo dançasse entre os mundos.

RUDÁ (CONT'D) (CONT'D)

Ouçam, filhos da mata, ouçam o sussurro das águas.

Todos em silêncio prestam atenção em Rudá.

RUDÁ (CONT'D)

Quando os rios ainda dormiam nos sonhos da terra, vivia Naipi – flor de luz, filha do sol.

(olhando para Naipi)

Mboi, o deus-serpente, a desejou. Seus olhos eram fogo. Queria Naipi para si,

(Tarobá e Naipi se abraçam)

mas ela já amava Tarobá, o guerreiro de coração feito para amar.

(pausa)

Não iriam se entregar. Preferiam a morte do que uma vida sem o amor.

O silêncio domina a comunidade. Todos estão vidrados nas palavras de Rudá.

RUDÁ (CONT'D)

Mboi rugiu, o céu se partiu, o pai de Naipi tombou, e a terra chorou  
(pausa)

Naipi esconde o rosto no peito de Tarobá para esconder as lágrimas.

RUDÁ (CONT'D)

A serpente, cega de ira, lançou sua maldição: pedra e palmeira.

Mas Tupã viu a dor dos inocentes, e castigou o deus serpente: “Ficarás na garganta do diabo, onde o barulho das quedas será teu fardo.”

(pausa)

Forjado em silêncio, no ventre da mata... a mãe de Naipi, em segredo e coragem, moldou o destino nas mãos da noite: criou o Amuleto da Serpente. “Que proteja o sangue, que proteja o chão, que o amor sobreviva à maldição”.

(MORE)

RUDÁ (CONT'D)

“Quando o sangue banhar a lua, e o amor for maior que a dor, devolva aos filhos o seu calor.” Mas o homem branco chegou e rasgou a terra.

A aldeia caiu, e o canto se calou.

(pausa)

Com as últimas forças, a mãe escondeu o amuleto sagrado, entre as raízes do tempo e o destinou a alguém de bom coração e que precisasse de uma transformação.

O grupo se entreolha, tenso.

RUDÁ (CONT'D)

Porque o amor é semente e o tempo é serpente.

A fogueira estala. Rudá se vira para Yara.

RUDÁ (CONT'D)

Você precisa encontrar o amuleto, onde quer que ele esteja, será atraído por sua energia.

Catu interrompe.

CATU

Mas como vamos achar esse negócio? A floresta é gigante.

RUDÁ

O amuleto responde à união das águas. Procurem onde os rios se abraçam.

Longo silêncio.

CATU

No Marco das três fronteiras. É lá que os rios se abraçam.

Rudá sorri satisfeito.

RUDA

Agora, antes de qualquer decisão  
(pausa)

Precisamos comemorar a presença de nossos irmãos Naipi e Tarobá.

Todos vibram. Risadas e cantos tomam a energia do lugar.

Yara observa de longe – Naipi e Tarobá pintam seus corpos.

As linhas se misturam ao brilho do fogo.

75. INT. CASA DE YARA - AMANHECER (FLASHBACK)

A luz suave invade o quarto.

NAIARA, a mãe de Yara, pinta com cuidado o rosto da filha. Símbolos delicados, traços de pertencimento.

NAIARA

(sorrindo)

Esses desenhos contam quem você é.  
Nunca esconda do mundo.

YARA (BEM PEQUENA)

Mas e se rirem de mim?

NAIARA

Se rirem de você, filha, é porque ainda não aprenderam a ver o brilho que você carrega. Quem ri do diferente, ri por medo. E o medo é pequeno – mas você não é...o seu destino é grande.

A cena dissolve – o passado se apaga na fumaça da lembrança.

76. EXT. COMUNIDADE INDÍGENA - ENTARDECER (VOLTA AO PRESENTE)

YARA leva a mão ao estômago, pálida.

YARA

(baixo)

Acho que... não tô bem.

Ela se afasta do grupo, cambaleando.

O som da festa vai ficando distante.

Um sibilo baixo, quase imperceptível, atravessa o ar.

O vento muda.

As folhas tremem.

Yara para, atordoada, e segue o som – como se algo a chamasse.

Passa por entre árvores, cada passo mais lento, mais profundo.

77. EXT. MATA AO REDOR DA COMUNIDADE - ENTARDECER

O ar fica denso.

Das sombras, MBOI emerge – imenso, silencioso, a pele cintilando como escamas de cobra.

A língua bifurcada desliza no ar, captando o cheiro do medo.

Yara o encara, imóvel, os olhos vidrados.

MBOI  
(voz baixa, sussurrante)  
Mostre pra mim.

O mundo ao redor silencia. Só o som de respiração e vento.

#### 78. MONTAGEM - MEMÓRIAS DE YARA

- ESCOLA: colegas zombam das pinturas no rosto de Yara.
- PISCINA: risadas quando ela tira a blusa, revelando colares e desenhos.
- FESTA INFANTIL: crianças imitam caricaturas de indígenas.
- QUARTO EM SÃO PAULO: Yara toca guitarra alto, tentando abafar os gritos dos pais discutindo.

#### 79. EXT. MATA - ANOITECER (VOLTA AO PRESENTE)

O som do vento muda de tom – uma energia diferente surge.

Entre os galhos, JACI JATERÊ aparece – pequeno, de cabelos loiros cacheados, segurando um enorme cajado.

Olhos brilham como vaga-lumes.

JACI JATERÊ  
(olhar fixo)  
Mboi, meu irmão, acabou tua  
maldição.  
(pausa)  
E ainda busca por vingança?

MBOI  
(rosnando)  
Eu fui traído...

JACI JATERÊ  
Enquanto sonhas com vingança, a  
floresta morre, e os rios choram.  
As águas chamam teu nome, mas só  
escuta o eco da tua raiva.

MBOI  
(raiva contida)  
Elas esqueceram.

JACI JATERÊ  
Sim, esqueceram. Ninguém mais  
pronuncia nosso nome. Muitos de nós  
se perderam, estão enfraquecidos,  
escondidos.  
(pausa)  
Você teve a chance de retornar.

MBOI  
Eu preciso do amuleto.

JACI JATERÊ  
Não se perca novamente. Lembre-  
se... você É uma serpente.

Silêncio.

Mboi o encara. Depois, se afasta, dissolvendo-se entre as  
árvores.

Yara cai de joelhos, ofegante. A respiração volta. O transe  
se quebra.

Ela olha ao redor – sozinha e assustada.

YARA  
(sussurrando)  
Catu?... Nadi?...

Sem resposta.

Ela corre de volta em direção a fogueira.

Ao longe, gritos.

A aldeia começa a ser invadida.

80. EXT. COMUNIDADE INDÍGENA - ANOITECER

O barulho de motores corta o som da comemoração.

CAMINHÕES MILITARES e viaturas pretas invadem a aldeia.  
Homens armados descem.

MARCO ANTÔNIO surge entre eles – botas impeçaveis, olhar de  
poder.

MARCO ANTÔNIO  
 (alto, autoritário)  
 Estamos aqui em nome da segurança  
 nacional!  
 Precisamos identificar elementos de  
 interesse público!  
 Cooperação será lembrada.  
 Resistência... não.

O pânico se espalha.

Mulheres recolhem crianças, homens se entreolham sem saber o  
 que fazer.

RUDÁ surge diante dele, firme, cabeça levantada.

RUDÁ  
 Esta é terra sagrada. Nos deixe em  
 paz.

MARCO ANTÔNIO  
 (sarcástico)  
 Sagrado é o progresso. E ele não  
 espera ninguém.  
 (empurra Rudá)  
 Sai da minha frente seu velho  
 inútil

Os seguranças começam a revistar as casas, derrubando  
 objetos, espalhando medo.

Entre o caos, Yara, Catu e Nadi se olham.

NADI  
 (sussurrando)  
 Agora. Pela mata, rápido!

Eles puxam NAIPI e TAROBÁ e somem entre as árvores, enquanto  
 o eco das ordens militares domina a aldeia.

81. EXT. FLORESTA - ANOITECER

O grupo corre entre raízes e sombras.

Atrás, vozes, passos, lanternas cortando o escuro.

Um tiro ecoa.

TAROBÁ é atingido no ombro e cai.

NAIPI  
 (grito desesperado)  
 Ñanderu, proteja o meu amado!

Ela ergue as mãos ao céu, e um vento forte atravessa a mata.  
As árvores se curvam como se respondessem ao seu chamado.

Os soldados se assustam – uma luz intensa os cega.

O grupo desaparece na névoa.

82. EXT. FLORESTA - GRUTA - ANOITECER

Uma gruta úmida, coberta de musgos.

Lá dentro, o som constante da água escorrendo.

YARA ajuda a deitar TAROBÁ, pálido e suando.

NAIPI ajoelha-se ao lado dele.

Molha as mãos na água que escorre nas pedras da gruta e canta  
baixinho em guarani.

A voz ecoa pela floresta, como uma prece antiga.

NAIPI  
(entoando)  
Que o sopro da vida se fortaleça...

Ela sopra a água sobre o ferimento, e gotículas se espalham  
no ar.

Todos olham boquiabertos.

As gotículas atravessam a pele de Tarobá – ele respira fundo  
e abre os olhos.

Naipi o abraça, e todos respiram aliviados.

TAROBÁ  
(baixo, para Naipi)  
A floresta ainda nos escuta.

Ele segura a mão dela, fraco.

Yara observa, emocionada.

83. EXT. COMUNIDADE INDÍGENA - SIMULTÂNEO

As chamas crescem.

Casas queimam, o caos domina.

MBOI surge entre o fogo – colossal, ofídico, envolto em  
fumaça.

RUDÁ, de pé, o encara sem medo. Cabeça erguida. Mboi fica cara a cara com Rudá. Rudá faz uma reverência.

RUDÁ  
Sua grandiosidade é lembrada pelo  
meu povo.

Mboi contorce seu corpo, bem lentamente. Como o movimento de uma cobra

Atrás deles, militares correm.

O fogo dança no rosto de Mboi, refletindo suas escamas.

84. EXT. FLORESTA - ANOITECER

O grupo chega exausto a uma clareira.

NADI segura o braço de CATU e coloca uma chave enferrujada em sua mão.

NADI  
A Kombi tá escondida atrás daquelas  
árvores.  
Vão para o Marco, é só seguir por  
essa estrada, ao lado do rio.  
O amuleto vai chamar por vocês lá.

CATU  
Como assim? Quem vai dirigir?

NADI  
Você! Eu já vi você dirigindo os  
carrinhos do passeio do macuco.

CATU  
É diferente!

NADI  
Não é não. Essa é sua missão, você  
vai conseguir.

YARA  
Mas e você?

NADI  
Minha família tá na aldeia.  
Eles precisam de mim... como Naipi  
e Tarobá precisam de vocês.

NAIPI se aproxima e segura as mãos dela.

NAIPI  
Que o grande espírito te cuide.

Tarobá se aproxima e abraça Nadi. Naipi abraça os três. Catu e Yara se juntam ao abraço.

NADI sorri emocionada, e volta-se a YARA.

NADI

Você foi escolhida, Yara.  
Eu queria ter sido... mas a  
floresta escolheu você.  
Não duvide.  
(um leve toque nas mãos de  
Yara)  
Seja forte, seu espírito é grande.

Silêncio.

Ela se despede e desaparece entre as árvores.

Yara fica imóvel, olhando para o vazio.

85. EXT. COMUNIDADE INDÍGENA - NOITE

As chamas consomem o resto da aldeia.

MBOI surge diante de MARCO ANTÔNIO, furioso.

MBOI

(voz sombria)  
Eu pedi apenas o amuleto. Você  
trouxe guerra.

MARCO ANTÔNIO

(irônico, suando)  
Era necessário... pra encontrá-lo.  
Não se vence com delicadeza, Mboi.  
Você sabe disso.

Um longo silêncio.

86. EXT/INT. ESTRADA - KOMBI. ANOITECER

Catu no banco do motorista, grita enquanto Tarobá ajuda a segurar o volante.

87. EXT. MARCO 3 FRONTEIRAS - ESTRADA LATERAL. ANOITECER

Motor da kombi funde. Em meio a uma enorme nuvem de fumaça do motor, Tarobá, Naipi, Catu e Yara surgem.

## 88. EXT. MARCO DAS TRÊS FRONTEIRAS - NOITE

Música alta. Risos. Cores vibrantes.

O MARCO tem arquitetura colonial com elementos indígenas e referências às missões jesuíticas.

O grupo – YARA, CATU, NAIPI e TAROBÁ – chegam exaustos.

Vários turistas os encaram.

Há tambores, vendedores, dançarinos – uma celebração confusa da cultura que eles realmente vivem.

YARA  
(sussurrando)  
É... irônico, né?

CATU  
(mordaz)  
Mas é o único lugar onde ainda  
olham pra lenda... mesmo que sem  
saber.

NAIPI e TAROBÁ observam um ator vestido de indígena posando para fotos.

Um turista os confunde com atores e se aproxima.

TURISTA  
Ei, vocês! Que fantasia linda!  
Posso tirar uma foto?

O casal permanece parado, sem entender.

Outros turistas formam uma fila, rindo, tirando selfies.

Enquanto isso, Yara começa a ouvir uma canção familiar e vai seguindo o som. Catu não vê Yara se distanciar, está focado em cuidar de Naipi e Tarobá em meio a multidão de turistas.

Yara passa entre os arcos de pedra iluminados, seguindo o som.

## 89. EXT. MARCO DAS 3 FRONTEIRAS - MARGEM DO RIO. CONTÍNUO

Ela chega próxima a margem ao rio e vê um brilho em meio a galhos e folhas.

Uma faixa com os dizeres: PROIBIDA A ENTRADA.

Yara passa por baixo da faixa e segue em direção ao brilho.

Um segurança percebe a presença da garota.

GUARDA

Ei, menina. Você não pode entrar  
aí.

Yara olha para o guarda e corre até o brilho.

O guarda pega um rádio.

90. INT. DELEGACIA DE POLICIA. SIMULTÂNEO

Bernado está no local junto com os pais de Catu, quando um chamado no rádio chama a atenção dele.

GUARDA (V.O)

Atenção, código vermelho: uma  
menina foi encontrada invadindo a  
contenção de segurança e correndo  
para a floresta.

BERNARDO

É ela. Eu sinto.

91. EXT. MARCO DAS 3 FRONTEIRAS - ENTRADA. SIMULTÂNEO

Marco Antonio chega, junto com Mboi e mais alguns militares armados, causando pânico nos turistas.

92. INT. MARCO 3 FRONTEIRAS - LOJA SOUVENIRS. CONTÍNUO

Mboi percebe vários objetos caracterizados com sua imagem de cobra. Ele encara tudo paralizado. Mochilas, chaveiros, garrafinhas, bonecos. Diversos objetos com sua imagem junto com a de Naipi e Tarobá.

93. EXT. MARCO 3 FRONTEIRAS - BEIRA DO RIO. CONTINUO

Yara pega o amuleto em meio a galhos e folhas.

Ela volta correndo para encontrar Catu e o casal, quando se depara com Marco Antonio, mostrando seu distintivo para o guarda do marco.

O guarda se afasta.

Ele sorri, segura a garota pelo braço e tira o amuleto de suas mãos.

## 94. INT. CARRO DE BERNARDO. SIMULTÂNEO

BERNARDO

(ao telefone)

Uma criança foi avistada na floresta ao redor do Marco das 3 fronteiras, Iracema. Algo me diz que é minha filha.

IRACEMA (V.O)

(ao telefone)

Siga seus instintos, Bernardo. Traga-a de volta para casa.

## 95. EXT. TRILHA NA FLORESTA. NOITE

Marco Antonio desce uma trilha puxando Yara pelo braço, até chegarem a uma enorme construção abandonada em meio a floresta. De longe, pode se enxergar as luzes do Marco das 3 fronteiras.

## 96. INT. ESPAÇO DAS AMERICAS. CONTINUO

O espaço abandonado respira um silêncio antigo. A VEGETAÇÃO engole as paredes. RAÍZES rompem o chão de concreto rachado. O som de GOTAS pingando mistura-se ao vento que atravessa as frestas.

TOCHAS improvisadas iluminam o lugar com chamas trêmulas.

Naipi, Tarobá e Catu estão amarrados e amordaçados em um canto. Yara tenta correr até eles, mas é impedida por soldados armados.

Marco Antonio caminha com calma. Um sorriso frio.

MARCO ANTÔNIO

Achou mesmo que podia brincar com forças que nem entende, menina?

YARA

(furiosa)

Eu entendo melhor do que você! Esse amuleto não te pertence.

MARCO ANTÔNIO

(ri, aproximando-se)

Ah não. Olha ele aqui em minhas mãos.

(ergue o amuleto)

(MORE)

MARCO ANTÔNIO (CONT'D)  
 Com isso... posso mudar o curso do  
 rio, abrir novas rotas, novas  
 riquezas. Trazer investidores  
 estrangeiros e transformar em um  
 safari...um lugar de caça livre.

POV DE MBOI

Ele observa escondido em meio as árvores.

VOLTA À CENA

YARA  
 Vocês lutam com armas, não é justo!

MARCO ANTONIO  
 Cala a boca sua piralha. Nós somos  
 os donos do planeta. Somos os seres  
 dominantes. Temos o poder da  
 inteligência, da tecnologia...

97. EXT. FOZ DO IGUAÇU - FLORESTA. SIMULTÂNEO

Iracema em frente a uma enorme fogueira levanta as mãos para cima enquanto faz uma oração. Ela abaixa a cabeça, se ajoelha no chão e começa a fazer pintar seu corpo. Ela cantarola uma canção

98. INT. ESPAÇO DAS AMERICAS. CONTÍNUO

Yara observa o caos ao redor: Tarobá, Naipi e Catu rendidos e começa a perder as esperanças.

Yara começa a ouvir a voz de sua avó, como em um cântico mágico.

99. INT. FLORESTA. DIA (VISÃO)

Yara se vê caminhando em meio a árvores e animais até encontrar Naiara fazendo pintura corporal em si mesma. Yara se aproxima, abraça a mãe com intensidade e pede uma pintura de guerra. Naiara, emocionada, começa a pintar o rosto da filha enquanto canta uma canção.

Mãe e filha cantam a mesma canção ancestral até que as vozes alcançam uma dimensão espiritual, juntando-se com a de Iracema.

## 100. INT. ESPAÇO DAS AMERICAS. NOITE (VOLTA AO PRESENTE)

Yara toca o barro do chão e começa a pintar o próprio rosto, enquanto cantarola a canção.

Marco Antônio, zombando, levanta o amuleto para exibir seu poder – quando de repente, Mboi surge, se aproxima e hipnotiza Marco Antonio, que deixa o amuleto cair no chão e entra em transe.

Trovões começam a rasgar a tranquilidade do céu estrelado e várias serpentes se aproximam.

Os soldados que faziam a escolta de Marco Antonio entram em pânico e fogem.

Tarobá consegue se desamarrar e ajuda Catu e Naipi a se soltarem. Eles se ajoelham, pegam barro do chão e fazem pintura corporal. Juntos começam a cantar a mesma canção.

Mboi ainda encarando Marco Antonio, com o olhar carregado de ódio.

## 101. MONTAGEM - MEMÓRIAS DE MARCO ANTÔNIO

Marco Antonio, ainda criança, ouvindo atrás de uma porta, seu tio e seu pai conversando sobre tomar posse de território indígena. Ele olha pelo vão da porta e vê imagens do amuleto da serpente em cima da mesa.

Marco Antonio, adulto, recebendo propina de empresários para caçar no PNI.

Em meio a uma floresta, Marco Antonio fuma um charuto junto com outros homens ao redor de um corpo desfalecido de uma onça pintada.

Fim da montagem.

## 102. INT. ESPAÇO DAS AMÉRICAS - NOITE (VOLTA AO PRESENTE)

Entre a mata e as sombras, MARCO ANTÔNIO caminha em transe, os olhos vazios, murmurando palavras sem sentido.

MARCO ANTÔNIO  
(voz rouca, perdida)  
As águas... elas chamam...

Do lado de fora, SIRENES POLICIAIS ecoam. Luzes vermelhas e azuis piscam nas paredes cobertas de musgo.

YARA apanha o amuleto caído no chão. Ele pulsa em sua mão, quente e vivo.

NAIPI e TAROBÁ se abraçam, aliviados, enquanto CATU tenta se levantar, tonto.

Yara olha para cada um deles – os rostos iluminados pela claridade intermitente das sirenes – e o mundo parece desacelerar.

MBOI, imponente, surge diante de NAIPI e TAROBÁ.

Sua pele reflete a luz da lua, e seus olhos ardem com uma mistura de dor e fúria contida. Tarobá e Naipi ficam paralizados de medo.

MBOI

(amargo)

Fui engolido pela escuridão e  
condenado à solidão das águas.  
Agora meu desejo é outro. Vocês  
estão livres... Eu liberto seus  
espíritos.

Naipi e Tarobá se olham com ternura. Catu e Yara correm até eles, emocionados.

CATU

(chorando)

Vocês conseguiram...

TAROBÁ

(sorrindo)

Nós conseguimos.

Naipi olha para Yara com um último olhar sereno. Toca suavemente em seu rosto.

NAIPI

Tenha orgulho, Yara. Você é  
resistência. Obrigada por nos  
salvar da horrível maldição.

Naipi, Taroba, Catu e Yara se abraçam emocionados.

Lanternas de aproximam.

Naipi toca o rosto de Tarobá, e o beijo dos dois é suave, luminoso.

Do contato de seus lábios, brota uma poeira dourada, que se ergue e se dispersa pelo vento.

As partículas brilham como pequenos sóis, subindo em espirais até desaparecerem no céu noturno.

O som apressado de passos. BERNARDO surge, ofegante, com o rosto coberto de suor.  
Ele vê Yara de pé, com o amuleto nas mãos.

BERNARDO  
(gritando)  
Yara!

Ela se vira. Os olhos dos dois se encontram.  
Yara segura o amuleto, se volta para Mboi, que a observa imóvel à beira da mata.

Alguns segundos de olhares entre os dois, e ela entrega o amuleto a ele.

Mboi agradece discretamente com a cabeça e quebra o amuleto. Seu corpo começa se contorcer e ele se transforma em uma enorme serpente afundando nas águas do rio.

Bernardo observa tudo boquiaberto.

Vários policiais chegam ao local, com alguns homens de Marco Antonio algemados.

BERNARDO (CONT'D)  
(para Yara)  
Me perdoa filha.

Yara hesita, sorri e depois o abraça, selando um recomeço.

Atrás deles, os pais de CATU chegam correndo, o envolvem em beijos e lágrimas.

Catu sorri, exausto, cercado por amor e alívio.

### 103. EXT. COMUNIDADE INDÍGENA - NOITE

Uma fogueira enorme crepita no centro da aldeia.

Ao redor, YARA, BERNARDO, IRACEMA, CATU, RUDÁ, NADI e outros indígenas compartilham risos e histórias.

Crianças correm. O cheiro de milho e peixe assado flutua no ar.

### 104. EXT. USINA DE ITAIPU - BARRAGEM - AMANHECER

Mboi e Jaci Jaterê, lado a lado, observam a barragem de Itaipu.

FIM

N.º do Protocolo da Solicitação

000984.0391232/2025

Data de Início

04/12/2025

Data Limite

03/01/2026

CPF

[REDACTED]

Nome

PETULA CELIA FERRAZ BONVINO

E-mail

ferraz.petula@gmail.com

Tipo de Solicitação

Registro de obra ou Averbação

## Formulário de Requerimento para registro ou averbação

Tipo de solicitação

Requerimento para registro

A OBRA intelectual é

Não publicada

## Informações sobre a obra intelectual

Título da Obra

**A LENDA DAS CATARATAS**